

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA – POLÍTICAS PÚBLICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

**MUSICALIZAÇÃO: MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES NA
TERCEIRA IDADE**

HILDA NATUME
ORIENTADORA: Profa. Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO
Políticas Públicas e Práticas Educativas

JOINVILLE – SC
2018

HILDA NATUME

**MUSICALIZAÇÃO: MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES NA
TERCEIRA IDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas. Áreas de concentração: Musicalização; Terceira Idade; Memórias; Experiências; Sensibilidades. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto. Coorientadora: Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt.

JOINVILLE – SC

2018

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

N285m	<p>Natume, Hilda Musicalização: memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade/ Hilda Natume; orientadora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto; coorientadora: prof. Dra. Jane Mery Richter Voigt. – Joinville: UNIVILLE, 2018.</p> <p>110 f ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Música – Instrução e estudo. 2. Serviço social com idosos – Joinville (SC). 3. Memória em idosos. I. Pillotto, Silvia Sell Duarte (orient.). II. Voigt, Jane Mery Richter. III. Título.</p> <p>CDD 780.7</p>
-------	--

Termo de Aprovação

“Musicalização: Memórias, Experiências e Sensibilidades na Terceira Idade”

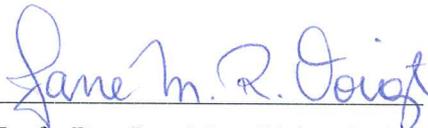
por

Hilda Natume

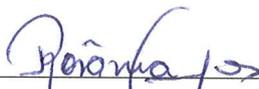
Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Educação.



Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Jane Mery Richter Voigt
Coorientadora (UNIVILLE)

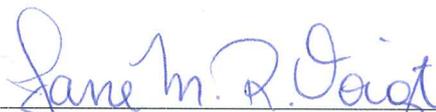


Prof. Dra. Rosânia Campos
Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Jane Mery Richter Voigt
Coorientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Mônica Zewe Uriarte
(UNIVALI)



Prof. Dra. Aliciene Fusca Machado Cordeiro
(UNIVILLE)

Joinville, 27 de fevereiro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao Rei do Universo, o grande Deus, pelo dom da vida.

Agradeço o acolhimento e o cuidado...

Da minha amada e querida irmã do coração, Mirtes Strapazzon, pelos muitos aprendizados obtidos, horas compartilhadas e convivência neste tempo;

Da minha orientadora, Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto, e minha Coorientadora, Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt, que estiveram presentes acompanhando todo o processo de pesquisa;

De Daniela Cristina Viana, que incansavelmente tem sido uma amiga querida sempre disponível, incentivando e me abraçando com seu jeito meigo, doce e afetuoso de ser, por suas valiosas contribuições à minha pesquisa.

De meu amado esposo, Hamilton, por compreender a minha distância, para me dedicar à pesquisa; dos meus filhos, Guilherme, Matheus e Caroline, pelo incentivo constante; dos meus irmãos, Sérgio e Mônica, e cunhados, Humberto, Miriam, Rosane e Regina, pelo apoio sempre.

Dedico esta dissertação aos meus pais, Seikatu e Kiyoe, e ao meu sogro, Mituaki, por serem os personagens principais que me ensinaram como cuidar de um idoso, por meio da compreensão, da paciência, de muito amor e de muita música.

RESUMO

A pesquisa/dissertação “**Musicalização: memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade**” faz parte do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, na linha de pesquisa em Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Também está articulada ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) e tem como objetivo analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano. Nesse âmbito, uma questão inicial de investigação nos mobilizou para a pesquisa: *a ação mediadora em práticas educativas, tendo como alicerce a musicalização, pode mobilizar experiências em que memórias e sentidos possam ser ativados, constituindo relações com a vida cotidiana na terceira idade?* Esta pesquisa/dissertação buscou então desenvolver uma investigação com 30 idosos que frequentam um Centro Regional de Assistência Social (CRAS), no município de Joinville, oportunizando - lhes o contato com a musicalização e a apreciação musical, a fim de ativar memórias e sensibilidades, articulando passado-presente, de modo a contribuir na valoração e identidades em suas vidas. Além disso, a expectativa de uma experiência sensível em espaços não formais de educação com a terceira idade, e no olhar para esses espaços em relação à acessibilidade, é sem dúvida uma oportunidade para os aprendizes pesquisadores e para os idosos ampliarem saberes e sentires referentes à música e à vida. Para refletir sobre essas questões foram articuladas ações no CRAS – Jardim Paraíso e no Conservatório Belas Artes como espaços fomentadores de experiências estéticas. A pesquisa de abordagem cartográfica pautou-se nas narrativas e experiências dos idosos por meio de práticas educativas em musicalização, buscando potencializar esses dois espaços e valorizar as suas ações cotidianas. Os resultados apontaram que a musicalização reativou a memória dos idosos por meio de vivências das músicas e letras de outras épocas de suas vidas, mobilizando-os a valorizar o ontem como essencial no seu dia a dia. Fazer e apreciar música oportunizou o compartilhamento de ideias e sentires. Assim, esta pesquisa/dissertação poderá contribuir para professores e educadores sociais que atuam com a terceira idade, bem como para profissionais que trabalham especificamente com a educação musical. Também poderá promover reflexões nos cursos de formação inicial – graduações e pós-graduações –, assim como no âmbito social, com pessoas e profissionais que vivem e convivem com as mais diversas idades nas mais variadas situações.

Palavras-chave: Práticas educativas; Terceira idade; Musicalização; Memória; Experiência e sensibilidade.

ABSTRACT

The research/dissertation “**Musicalization: memories, experiences and sensibilities in the third age**” is part of the Graduate Program – Master in Education, in the line of research in Public Policies and Educational Practices of the University of the Region of Joinville (UNIVILLE). It is also articulated to the Center for Research in Art in Education (NUPAE) and aims to analyze the educational practices in musicalization in the third age, having as reference the mediating action and the sensitivity, mobilizing memories and experiences as a possibility to construct meanings and relationships with everyday life. In this context, an initial investigation question has mobilized us for research: mediating action in educational practices, based on musicalization can mobilize experiences in which memories and senses can be activated, constituting relations with everyday life in the third age? This research / dissertation then sought to develop an investigation with 30 elderly people of a Regional Center of Social Assistance (CRAS), in the city of Joinville, opportunizing them the contact with the musicalization and musical appreciation in order to activate memories and sensibilities, articulating past-present, contributing in the valuation and identities in their lives. Besides, the expectation of a sensitive experience in non-formal spaces of education with the third age, and in the look for these spaces in relation to accessibility is, without doubt, an opportunity for researcher learners and for the elderly to expand knowledge and feelings about music and life. To think about on these questions actions were coordinated at CRAS – Jardim Paraíso and at the Conservatorio Belas Artes as spaces that foster aesthetic experiences. The cartographic approach research was based on the narratives and experiences of the elderly by means of educational practices in musicalization, seeking potentialize these two spaces and value their daily actions. The results indicated that musicalization reactivated the memory of the elderly by means of experiences of the songs and lyrics of other times of their lives, mobilizing them to value yesterday as essential in their day to day. Make and appreciate music provided the sharing of ideas and feelings. Therefore, this research/dissertation may contribute to teachers and social educators, who work with the third age, as well as for professionals who work specifically with music education. Besides, this research/dissertation can promote reflections in the initial training courses – graduations and post-graduations –, as well as in the social sphere, with people and professionals who live and live together with the most diverse ages in the most varied situations.

Keywords: Educational practices; Third age; Musicalization; Memory; Experience and sensitivity.

LISTA DE FIGURAS

Imagens 1 e 2 – Visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville - idosos.....	37
Imagens 3 e 4 – Visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville	38
Imagem 5 – Oficina de aromas e sons no CRAS	49
Imagem 6 – Oficina de percepções – o que há na caixa?	51
Imagens 7 e 8 – Painel rizomático	53
Imagens 9, 10 e 11 – Oficina de musicalização – sinos	55
Imagens 12, 13 e 14 – Oficina de musicalização – instrumentos	56
Imagem 15 – Painel com contribuições	58
Imagens 16, 17, 18 e 19 – Construindo o painel – compartilhando histórias/vidas.....	59
Imagem 20 – Senhor Antônio, Dona Rosilda e Dona Judith, da esquerda para a direita	62

SUMÁRIO

1.º MOVIMENTO – UMA PESQUISA/VIDA COM NARRATIVAS SENSÍVEIS E AFETIVAS.....	11
1.1. Iniciando a pesquisa	14
1.2. Conhecendo os conceitos: idoso, velhice e terceira idade	18
1.3. Em meio à mediação cultural.....	20
1.4. Musicalizando idosos.....	21
1.5. Movidos pelas sensibilidades, memórias e experiências	22
1.6. Uma experiência singular: o campo de pesquisa.....	25
1.7. A cartografia como abordagem de pesquisa.....	28
2.º MOVIMENTO – A TERCEIRA IDADE: OUTRO RITMO DE VIDA	32
2.1. A visita/expedição com os idosos do CRAS.....	35
3.º MOVIMENTO – DESVELANDO NARRATIVAS: TECENDO OS FIOS ENTRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSICALIZAÇÃO E A FALA/VIDA DOS IDOSOS	45
3.1. Processos de pesquisa pelo viés narrativo	45
3.2. Práticas educativas: oficinas de musicalização e experiências sensíveis	46
3.2.1. Primeira oficina: os sentidos por meio da música	48
3.2.2. Segunda oficina: experimentando a música	52
3.2.3. Terceira oficina: escrevendo sobre os efeitos causados pela música	57
3.3. Desvelando narrativas: a entrevista como ponto de intersecção.....	61
3.3.1. Senhor Antônio, Dona Rosilda e Dona Judith: o que pensam e dizem?	61
4.º MOVIMENTO – NO COMPASSO DAS PISTAS CARTOGRÁFICAS	70
4.1. A história/vida ao canto/voz dos idosos	72
4.2. Uma experiência como filha – volta ao lar	75
4.3. A visita/expedição – Conservatório Belas Artes de Joinville	77
4.4. O tato, o olfato e o paladar – sentidos aguçados	78
4.5. A oficina de musicalização.....	79
4.6. Caminhos possíveis – linhas do tempo.....	80
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICES	90

Apêndice A – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música e Educação Musical (2013 a 2016).....	90
Apêndice B – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música e Terceira Idade (2013 a 2016).....	92
Apêndice C – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música, Memória e Terceira Idade (2013 a 2016).....	93
Apêndice D – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música, Experiência e Terceira Idade (2013 a 2016).....	94
Apêndice E – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música, Sensibilidade e Terceira Idade (2013 a 2016).....	95
Apêndice F – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Musicalização e Terceira Idade (2013 a 2016).....	96
Apêndice G – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Musicalização, Memória, Experiência, Sensibilidade e Terceira Idade (2013 a 2016).....	97
Apêndice H – FOLHA DE ROSTO PARA A PESQUISA COM SERES HUMANOS	98
Apêndice I – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM.....	99
Apêndice J – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	101
Apêndice K – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	103
Apêndice L – CARTA DE ANUÊNCIA	105
Apêndice M – DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	108



Linhas cartográficas do tempo-vida

Fotografia de Raffaele Montepaone

Fonte: Disponível em: <<http://gingerbushido.com/faces/raffaele-montepaone-photos-beauty-old-age/>>. Acesso em: 6 dez. 2017

1.º MOVIMENTO – UMA PESQUISA/VIDA COM NARRATIVAS SENSÍVEIS E AFETIVAS

Como primeiro movimento desta pesquisa/dissertação¹, revisito alguns momentos de minha vida, na tentativa de construir narrativas sensíveis. Escolho a palavra movimento para indicar os capítulos e, especificamente neste, escrevo a introdução.

Para tanto, trago memórias de minha avó, que morou com minha família desde antes de meu nascimento. Muitas histórias me lembram dela com muito carinho e alegria, como uma grande amiga. Dividíamos o mesmo quarto e foi com ela que aprendi a falar e a cantar em japonês, despertando-me o gosto pela música, além da língua. Recordo-me que ouvia muitas músicas... “Ouvir música é encontrar-me com a beleza que existe dentro de mim” (ALVES, 2010, p. 18).

Minha mãe me contou que, quando eu tinha 1 ano, eu já cantava muito e aos 9 anos de idade comecei a fazer aulas de piano. E foi nesse tempo que tive meus primeiros contatos com a música de modo mais sistematizado.

Lembro-me que partia de bicicleta para as aulas de piano e de japonês. Mas, ao mesmo tempo em que amava as aulas, eu não entendia por que uma menina nessa idade precisava aprender outra língua que não fosse o português. Eu já sofria discriminação das outras crianças que zombavam de mim por ser descendente oriental e ter os olhos “puxados”.

Nesse contexto, cursei o ensino fundamental no Colégio Marista, em Cascavel (PR), até o 4.º ano. Posteriormente fui para o Colégio Estadual Wilson Joffre e lá cursei do 5.º ao 8.º ano e também o 2.º grau, hoje ensino médio, quando fiz o curso profissionalizante de Desenho Arquitetônico. Percebi que algo a mais me chamava a atenção, talvez fosse o mundo das artes, sem nem eu mesma saber ou entender naquela época, algo além do aprendizado das disciplinas regulares e obrigatórias.

Com 15 anos de idade comecei a ensinar piano e flauta doce para meu irmão mais novo, tentando colocar meu sonho de ser professora em prática. Entretanto

¹ A escolha desse termo - pesquisa/dissertação - tem como base nossas discussões no NUPAE, compreendendo que toda dissertação, independentemente de seu método, é uma pesquisa.

minhas primeiras experiências de musicalização foram com minha irmã caçula, além da presença de minha avó cantando conosco.

Minha professora de piano, Consuelo Carvalho Spoladore, incentivou-me na docência da música. Assim, em 1982, tive minhas três primeiras alunas de piano em sua escola. O meu sonho começava a se realizar. Fui adquirindo um gosto cada vez maior pelo ensino musical. Hoje me sinto afetada em busca de ser sensível no que se refere à arte de forma geral e não apenas da música.

Minha avó faleceu aos meus 17 anos de idade, período triste e época de outras decisões, como ingressar no curso de Letras da Fundação Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (FECIVEL). Todavia minha paixão ainda estava no estudar música. Assim, estudando muito, conhecendo outras expressões da arte, cantando e tocando, mesmo com a cobrança da tradicional cultura japonesa, vivi experiências sensíveis; algumas eu compreendia, outras não. E como diz Larrosa (2015b, p. 13), “[...] a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e que a experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta”.

Em 1985, após concluir o curso de Letras, lecionei no Colégio Ideal, na cidade de Cascavel (PR), para as turmas do 5.º ao 7.º ano do ensino fundamental. Foi uma experiência extraordinária, pois estava motivada a ensinar e aprender com aqueles adolescentes cheios de energia e vivacidade. Nesse mesmo ano, continuava também com a docência musical no Centro de Desenvolvimento Som e Ritmo, na mesma cidade, com 18 alunos de piano.

Dois anos depois me casei. Minha vida mudou completamente com a nova residência em Balneário Barra do Sul (SC), local de trabalho do meu esposo. Nos anos seguintes trabalhei em escolas de música e de ensino regulares em Joinville (SC). Nos anos 1990 permaneci somente em Balneário Barra do Sul, lecionando no Colégio Estadual Dom Gregório Warmeling, para o ensino fundamental nas disciplinas de português e inglês. Nesse tempo tive meus dois filhos, período em que me dediquei à maternidade.

Em 1999 retornei à docência musical no Conservatório Belas Artes de Joinville, onde trabalho até hoje. Algumas inquietações em relação à música e seu ensino foram tomando conta de meus pensamentos. Percebi que, ao planejar as aulas para crianças, jovens, adultos e idosos, sentia a necessidade de estar atenta às

subjetividades de cada um e de refletir sobre as aulas individuais e coletivas. Talvez já pensasse sobre mediação, mesmo sem conhecer profundamente esse conceito...

E assim os anos foram passando até eu atuar numa escola de música como gestora². Nessa experiência comecei a pensar num ensino coletivo que pudesse levar tal arte para um maior número de pessoas num modo mais acessível. Tanto didática quanto financeira e educacionalmente, o acesso à arte ainda é muitas vezes elitizado em nossos dias. As palavras de Granja (2006, p. 15) reiteram a ideia de que “[...] o ensino de música nas escolas deve ter como fim menos a formação de uma elite de músicos talentosos e mais a formação de pessoas que sejam capazes de realizar seus projetos”.

Pensando no aspecto da educação e do social (coletividade), participei de um projeto no Conservatório Belas Artes de Joinville em parceria com a Yamaha Musical do Brasil – Programa Sopro Novo: musicalização através da flauta doce³. Com esse projeto tornei-me professora/monitora do programa com várias turmas nos anos seguintes; hoje sou professora seminarista em cidades da região sul do país.

A minha dedicação ao ensino musical, especialmente trabalhando musicalização em flauta doce com adultos, motivou-me a realizar uma pós-graduação em Educação Musical na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Nesse outro tempo, pude vivenciar o ensino da música em grupo com maior intensidade.

Em 2011, durante a especialização, como fonte de estudos e pesquisa, trabalhei com um grupo de terceira idade japonesa na Igreja Evangélica Holiness, em Curitiba (PR). Pude desenvolver a musicalização com os idosos partícipes desse processo, no intuito de realizar uma investigação coletiva. Foi apaixonante esse trabalho, a ponto de não me dissociar do grupo até os dias de hoje.

Finalizada a especialização, minhas inquietações continuavam e outras indagações vinham à minha memória. Continuei estudando e observando os idosos, tentando ampliar o meu olhar sensível para a terceira idade. Percebo o quanto importante é investigar esse grupo social.

² A referida escola de música nesse período, filial do Conservatório Belas Artes de Joinville, na cidade de Balneário Barra do Sul (SC), esteve sob a minha gestão educacional e organizacional entre os anos de 2005 e 2010.

³ O Programa Sopro Novo: musicalização através da flauta doce é a forma pela qual a Yamaha Musical do Brasil contribui com a educação musical coletiva em nosso país. O curso de iniciação à flauta doce atende diretamente dois públicos distintos: professores de música, e leigos em música que atuam nas escolas de ensino regular, visando ampliar o quadro de professores com competência técnica para exercer a tarefa de musicalizar (YAMAHA MUSICAL DO BRASIL, 2017).

Então, ainda não satisfeita, inquieta e apaixonada pela música, e também pelos idosos, o meu interesse em continuar pesquisando foi crescendo. Assim, em 2015 fui provocada e motivada a conhecer o Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE)⁴, na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Ao ingressar nesse núcleo fiquei mais atenta aos demais pesquisadores e também mais próxima deles. Fui convidada a estudar, pesquisar e investigar na área da educação, da educação musical e da musicalização com idosos pelo viés das memórias, sensibilidades e práticas educativas em musicalização, temáticas/ideias que poderiam culminar em experiências sensíveis.

Na ocasião participei do processo seletivo como aluna em regime especial na disciplina Sensibilidade na Ação Pedagógica com as professoras doutoras Silvia Sell Duarte Pillotto e Jane Mery Richter Voigt. Reiterei o meu interesse em pesquisar mais sobre a terceira idade e levar a musicalização a esse grupo social, respeitando as subjetividades de cada um.

Finalmente tive a grande notícia em novembro de 2015, ao ser aprovada no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da UNIVILLE, sob a orientação das professoras supracitadas, tendo a minha pesquisa o tema “Musicalização: memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade”.

1.1. Iniciando a pesquisa

A minha história de vida pessoal e profissional integra meus questionamentos como pesquisadora/professora, iniciando minha pesquisa/dissertação. Escrever em primeira pessoa do singular e, por vezes, em primeira pessoa do plural, tem relação

⁴ O Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), criado e legitimado pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) em 2003 e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no mesmo ano, tem como objetivo desenvolver ações no contexto interno e externo da instituição, com os seguintes parceiros: FURB, UnC, Uniplac e UMINHO (Braga/Portugal). O grupo é formado por bolsistas dos cursos de graduação, pós-graduação e professores/coordenadores dos cursos de Artes Visuais, Pedagogia, Matemática, alunos e ex-alunos dos Mestrados em Educação e Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE. O grupo reúne-se com o propósito de desenvolver estudos, pesquisas e produções nas seguintes linhas de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas: investiga a arte/educação e educação patrimonial com foco nas políticas públicas e práticas educativas; Trabalho e Formação Docente: investiga a educação formal, não formal e informal, currículo e avaliação (NUPAE, 2017).

com o meu processo de vida de pesquisa numa abordagem cartográfica, abordagem que escolhi para esta pesquisa/dissertação. A cartografia como método de pesquisa propõe investigar de forma não prescritiva ou por regras já prontas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014). Vale também ressaltar que a opção pelo termo pesquisa/dissertação diz respeito às nossas experiências no NUPAE, que articula o processo de dissertação à investigação e a seus desdobramentos. Nem toda a pesquisa é necessariamente uma dissertação, mas toda dissertação envolve o processo de pesquisar.

Durante o processo de investigação por meio da experiência, minha e de outros, conecto sujeitos, objetos, teorias, práticas, numa investigação/intervenção de (re)descobertas. E como dizem Passos e Barros (2014, p. 18), “[...] a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, sobre o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso de investigação”. Assim, estabeleço ao final desse movimento maior aclaração sobre essa abordagem metodológica.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa/dissertação apresentada aqui é *analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.*

Compartilho então as minhas inquietações.... Talvez pela presença dos idosos em meu percurso de vida, e também pelo grande afeto pela minha mãe, hoje idosa, que durante esses anos trouxe para minha vida memórias engavetadas e muitas vezes esquecidas. Temos compartilhado juntas nesse tempo a música, os nossos sonhos e os nossos labores. E eu, numa condição de pesquisadora/cartógrafa/professora numa outra maturidade, trago a seguinte problemática a esta pesquisa/dissertação: *a ação mediadora por meio das práticas educativas em musicalização pode possibilitar experiências em que memórias e sentidos possam ser ativados, constituindo relações com a vida cotidiana na terceira idade?*

Com base nessa problemática, percebo com minhas experiências, sempre singulares e únicas, que, para além da audição, da fala, do olfato, do tato e do paladar, a memória guarda sensações provenientes dos sentidos, uma soma de percepções, pensamentos e vivências. A memória permite-nos entender que a educação musical

é um dos caminhos a serem explorados e percorridos para significar o mundo. E “o estar atento ao mundo é um constante despertar. O homem percebe quando se torna consciente de suas próprias impressões” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 107). Penso ainda que a musicalização promove uma ação mediadora ativando memórias e sentidos dos idosos, oportunizando experiências outras e instituindo relações com o cotidiano.

Assim, articulo meus objetivos específicos iniciais, que podem apontar para o caminho que percorri durante o processo de minha investigação: 1. Organizar as práticas em musicalização, tendo como base a ativação da memória e experiências com o grupo de idosos investigado; 2. Promover experiências estéticas em musicalização, a fim de produzir subjetividades referentes às suas memórias e sentidos existenciais; 3. Acompanhar e registrar a expedição/visita a fim de apreciar uma apresentação musical numa escola de música; 4. Analisar os dados produzidos nas práticas educativas em musicalização, identificando memórias e sentidos, relacionados às experiências cotidianas dos idosos.

Para falar de conceitos sobre a terceira idade, mediação, musicalização, experiências, memórias e sensibilidades, bem como a cartografia, vários autores foram estudados por mim, entre eles: Bosi (1979), Freire (2005 e 2014), Lima (2000), Martins e Picosque (2012), Larrosa (2015b), Duarte Jr. (2010), Alves (2012), Meira e Pillotto (2010), Deleuze e Guattari (2010), Penna (2015), Passos, Kastrup e Escóssia (2014), Granja (2006), Luz (2008), entre outros.

Ressalto que o processo de investigação teve como base o banco de dados de teses e dissertações da Plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES⁵). Para o refinamento da pesquisa, escolhi a delimitação das dissertações e teses entre os anos de 2013 e 2016, utilizando as áreas de concentração Música e Educação Musical.

Os apêndices (A-G) me ajudaram a situar esta pesquisa dentre outras similares (e nem tanto) e a encontrar a lacuna que justifica o tema escolhido: “Musicalização: memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade”.

No Apêndice A constam os registros encontrados nas referidas áreas de concentração, entretanto nenhum deles com o tema supramencionado. Embora tenha

⁵ A CAPES, do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação (CAPES, 2016).

achado 22 registros, escolhi expor na tabela somente seis. A maioria dessas teses e dissertações refere-se à área de concentração da Saúde e não à Educação Musical.

Já no Apêndice B as palavras-chave utilizadas foram Música e Terceira Idade. Encontrei quatro registros com enfoque na terceira idade, mas com ênfase apenas na qualidade de vida e alternativas visando terapia ocupacional.

No Apêndice C a pesquisa teve as palavras-chave Música, Memória e Terceira Idade, sendo encontrado apenas um registro com ênfase na memória.

Com as palavras-chave Música, Experiência e Terceira Idade achei dois registros, com enfoque na experiência da terceira idade, entretanto não estão relacionados com música (Apêndice D).

Nenhum registro foi encontrado com as palavras-chave Música, Sensibilidade e Terceira Idade (Apêndice E) e Musicalização e Terceira Idade (Apêndice F).

Em minha investigação não encontrei nenhuma pesquisa que articulasse Musicalização, Memória, Experiência, Sensibilidade e Terceira Idade (Apêndice G).

Além desses registros, o NUPAE também me auxiliou, pois já algum tempo tem percorrido as questões da educação não formal e da sensibilidade em suas pesquisas. Aqui aponto algumas das que conversam com minha pesquisa/dissertação: “Mediação cultural: ação educativa no museu de arte de Joinville”, de Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira (Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - Universidade da Região de Joinville/2010); “Mediação cultural para a pequena infância: um projeto educativo no museu Guido Viaro”, de Solange de Fátima Gabre (Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - Universidade da Região de Joinville/2011); “Blog, identidade e formação continuada em educação infantil em Joinville”, de Patrícia Kricheldorf de Araújo; “Mediação cultural por meio da dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância”, de Daniela Cristina Viana (2016); “Sentidos e experiências na docência: processos de aprendizagem do instrumento na infância”, de Jorge César de Araújo Pires (2017); “Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência”, de Karinna Alves Cargnin (2017) e “Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades”, de Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (2017).

O NUPAE tem como base epistemológica e metodológica articular as pesquisas tendo como denominador comum a sensibilidade e os espaços formais e não formais da educação. Portanto, minha pesquisa/dissertação dialoga com as

descritas anteriormente nas questões referentes à educação não formal, à sensibilidade e, por vezes, à musicalização.

1.2. Conhecendo os conceitos: idoso, velhice e terceira idade

Para alcançar outros territórios, espaços e lugares com outras histórias, caminhos e movimentos, tenho a necessidade de apresentar os conceitos de idoso, velhice e terceira idade, em primeiro andamento⁶.

Quando penso sobre idoso, vejo a imagem de um sujeito que pertence a uma etapa de vida com maior maturidade, que geralmente se encontra acima de 60 anos de idade, com experiências sentidas e vividas no decorrer do tempo cronológico. O idoso é considerado o sujeito do envelhecimento com seu corpo sofrendo alterações nessas passagens.

Noto muitas vezes que na vida social há o fator da marginalização do idoso. Também ocorrem o declínio de suas características físicas, como as rugas, os cabelos brancos, a diminuição da memória, e alterações psíquicas, como a perda da confiança, o aumento da angústia e, muitas vezes, a vinda da depressão (AZAMBUJA, 1995).

No entanto, nas relações que estabelece com seus pares, com os espaços, com a família, enfim, com as suas atividades sociais, o idoso pode constituir situações de interatividade e construir identidades. Para Mercadante (2003, p.56),

[...] o conhecimento da existência de um modelo social amplo e geral de velho presente no imaginário social, que se constrói pela contraposição à identidade de jovem, levou-nos a pensar sobre questões relativas à construção da identidade do idoso e de como esta mesma identidade é sentida e vivida por aqueles indivíduos classificados como velhos.

Além disso, existem as singularidades do idoso, como envelhecimento corporal, algumas limitações físicas e às vezes cognitivas, e tantas outras, variando sempre de idoso para idoso. No entanto vale destacar que os idosos são participantes ativos dos

⁶ Andamento é uma indicação da velocidade em que uma peça musical deve ser executada (DICIONÁRIO GROVE..., 1994, p. 28).

processos culturais como sujeitos sociais, independentemente de seu estado físico e/ou cognitivo.

Nessa perspectiva, o que pode representar a palavra “velho” para a sociedade? Fico refletindo a respeito desse conceito e lembro-me de Bosi (1979, p. 23), quando diz: “Ser velho é lutar para continuar sendo homem”.

Empecilhos burocráticos da aposentadoria e dos asilos, casas de repouso ou lar de idosos, por exemplo, são estruturas institucionais visíveis dessa luta. Por outro lado, alguns psicólogos comentam e trazem para a instituição familiar a questão da tutela ou curatela, afirmando a incapacidade do idoso em não responder por seus atos.

Ser idoso na sociedade capitalista é sobreviver. Esse sujeito, muitas vezes sem projeto, fica impedido de lembrar ou de ensinar, suportando as adversidades de um corpo que envelhece, perdendo movimentos “à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a Terceira Idade, que não existe para si, mas para o outro” (BOSI, 1979, p. 23).

Assim, entramos na terceira idade. Esse tempo muitas vezes se encontra localizado entre a aposentadoria e o envelhecimento, também é considerado apenas uma categoria social e que possui um estatuto próprio há pouco tempo⁷.

Uma das concepções desse momento de vida – terceira idade – em nossa sociedade conduz a um pensamento de improdutividade de final de vida. Entretanto é o tempo em que os idosos podem desfrutar um envelhecer produtivo, autônomo e constitutivo de maturidade, com reconhecimento como cidadãos partícipes da sociedade (LUZ, 2008).

Penso nas características do idoso na terceira idade como o (entre) laçamento de muitas linhas: de relações, de meios, de idades, de momentos de vida, de experiências e de subjetividades como dispositivos⁸. Lembro-me das palavras de Deleuze e Guattari (1990 apud KASTRUP; BARROS, 2014, p. 78), “a linha de

⁷ BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 12 mar. 2017.

⁸ Para Foucault (1979, p. 244), o dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo”. Para Deleuze (1990 apud KASTRUP; BARROS, 2014, p. 77-78), dispositivo “é de início um novelo, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente”.

subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade, num dispositivo: ela deve se fazer, para que o dispositivo a deixe ou a torne possível...”.

Nesse contexto e na dimensão cartográfica, ressalto que optei para a presente pesquisa/dissertação usar os termos idosos como sujeitos e terceira idade como a etapa de vida destes.

1.3. Em meio à mediação cultural

Esta pesquisa/dissertação propõe ações artísticas fruidoras por meio da musicalização, tendo a mediação cultural como prática educativa constante entre os idosos, suas memórias, a musicalização, o próprio mediador e outras percepções que se constituíram no diálogo. Assim, é importante compreender a mediação cultural como uma intervenção ou um ato de mediar. Nesse sentido, vale refletir sobre a afirmação de Martins e Picosque (2012, p. 25), ao comentarem que a mediação

Envolve assim dois polos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um mediano, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Esses desígnios estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruidor, buscando a fruição – ação ou efeito de fruir: gozo, posse usufruto.

Numa proposta de ação educativa em musicalização que se caracteriza pela aproximação do idoso com os espaços, os objetos, os lugares, as pessoas, os mediadores e tudo ao seu entorno, pode-se dizer que o conceito-chave dessa prática é o diálogo, um caminho encontrado para a construção de experiências e aprendizagens sensíveis. Como afirma Freire (2005, p. 123):

[...] o diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto.

O conhecimento é então construído pela ação de respeito e de igualdade a partir do diálogo. Não há conhecimento por um único viés, e sim numa relação compartilhada de construção e desconstrução das ideias. Por meio do diálogo pode haver um encontro, em que se podem compartilhar ideias, inquietações e sonhos de sujeitos sensíveis, sem que haja simplesmente um depósito de informações de uma pessoa para outra (FREIRE, 2005).

Nesse sentido, a mediação cultural possui modos distintos de se pensar e de realizar ações com conexões que podem ser provocativas numa construção rizomática. No entendimento de Deleuze e Guattari (2012a, p. 33), um rizoma

[...] não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e..e..e”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o ver ser.

Nesse tempo que escrevo, penso em linhas como se fossem fios de um novelo, sem começo e sem fim, (entre) laçando-se de um lado a outro; sinto-me professora/mediadora inserida na cartografia desta pesquisa/dissertação.

E assim, estou em concordância com Passos, Kastrup e Escóssia (2014), ao dizerem que estamos em construção o tempo todo e a produção coletiva do conhecimento é premente na cartografia.

1.4. Musicalizando idosos

Aqui pretendo apontar a concepção de musicalização como uma proposta que pode revelar uma visão de mundo. Trago, então, Souza (2008, p. 146), ao refletir sobre a música como construção humana, perguntando “[...] é na natureza social e pessoal das relações que o ser humano estabelece com a música que se elaboram significados e que uma sociabilidade se constrói pela e com a música? ”. Tal indagação talvez possa estar em minha mente há algum tempo e, quando escrevo sobre o assunto, retorno ao conceito de musicalização como um processo, ou uma atitude ou uma ação de musicalizar, ou seja, de sensibilizar as pessoas. Nesse contexto, o idoso por meio da música pode reagir e movimentar-se com ela.

Nesse processo de musicalização é possível que o idoso tenha sido afetado pelos sons, pelos fenômenos sonoros e pelas músicas durante as mediações realizadas. Assim, suas memórias podem ser despertadas, potencializando os processos de sensibilidades.

A música está intrinsecamente inserida nas manifestações do cotidiano do ser humano e em espaços múltiplos: na rua, em casa, na escola, no museu, no teatro, entre outros. Com os idosos não é diferente; a música está onde eles também se encontram, porém nem sempre a percebem de forma a ampliar seus processos de socialização.

A prática educativa em musicalização pode contribuir nas ações de socialização, uma vez que possibilita experiências em que os sentidos, as relações afetivas e as memórias dos idosos podem ser ativados. A mediação pela musicalização possibilita saberes e contribui na desconstrução de alguns conceitos: que o idoso já aprendeu tudo na vida ou que não pode mais viver com prazer; ou seja, possibilita a construção de outros sentidos ao tempo da terceira idade.

Compreendo que o “[...] musicalizar (-se): tornar (-se) sensível à música” (PENNA, 2015, p. 30) possa mobilizar os idosos a seguir reagindo e movendo-se com a música, possibilitando-lhes viver seu tempo de vida em seu território existencial.

O “musicalizar-se” está associado ao “estar sensível à música”, compreender a música por meio de percepção auditiva com um padrão cultural compartilhado, experienciado no cotidiano, não esquecendo que também pode ser aprendido na escola. “Musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo material sonoro/musical como significativo” (PENNA, 2015, p. 31).

Nesta pesquisa/dissertação a escolha de musicalizar idosos perpassa pela dimensão de desenvolver ou aprimorar os esquemas de apreensão da linguagem musical, promovendo experiências artístico-culturais e proporcionando a familiarização de distintas formas da linguagem musical, de modo a interligar os processos de propagação da sua cultura em seu ambiente. Sobre essa questão, Penna (2015, p. 44) diz:

[...] a musicalização não se exaure em si mesma. Ela articula-se à inserção do indivíduo em seu meio sociocultural, devendo, portanto, contribuir para tornar a sua relação com o ambiente mais significativa e participante.

Dessa forma, os partícipes da presente pesquisa/dissertação – os idosos – foram movidos pelo prazer estético, atravessando horizontes sensíveis, criativos no ativar de suas memórias e experiências, relacionando-as com o movimento da mediação por meio da musicalização.

1.5. Movidos pelas sensibilidades, memórias e experiências

A educação pelo olhar sensível no contexto da terceira idade, requer mobilizar memórias e experiências dos idosos como possibilidade de construção de sentidos e relações com o seu cotidiano. Para o idoso é vital ter uma vida prazerosa, desenvolvendo suas potencialidades, a fim de socializar-se com outros e seu entorno.

A sensibilidade pode ser promotora de outros conhecimentos em nosso cotidiano, inerente à vida humana (DUARTE JR., 2010). Então, partindo do cotidiano do idoso, das suas subjetividades e dos seus afetamentos, esta pesquisa/dissertação trouxe desafios a eles, desenvolvendo práticas educativas em musicalização, tendo a afetividade, a memória e a ação mediadora sensível como balizadoras desse processo.

E por falar em memória, devo dizer que, enquanto aqui escrevo, busco também as minhas memórias, meus afetos e as experiências vividas nos momentos das oficinas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS⁹), da visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville e nas entrevistas com os idosos, sujeitos de minha pesquisa. E assim vou conectando afetos, indo e vindo nestas linhas da cartografia¹⁰ como se fossem as linhas da clave de sol¹¹ sobre a pauta¹² musical.

É fundamental ativar o potencial de ser afetado, de afetar-se, como foi na experiência da visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville, em que realmente fui afetada com a surpresa e o deslumbramento daqueles idosos quando chegaram ao espaço cultural e, mais ainda, quando assistiram ao espetáculo de música, especialmente preparado para eles.

Na roda de conversa com os idosos, posteriormente ao espetáculo, mais uma sensação, as memórias de algum deles estavam ativadas. Eles falavam, recordavam

⁹ Os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) são unidades descentralizadas da política de assistência social responsáveis pela organização e oferta de serviços de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Nos CRAS operam o serviço de Proteção de Atenção Integral à Família (PAIF) e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) (CRAS, 2017).

¹⁰ A cartografia é um método de pesquisa que está engendrada nas experiências do pesquisador e do pesquisado, é um traçado nesse plano de experiências. “[...] Acompanha os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS; BARROS, 2014, p. 18).

¹¹ Clave de sol é um símbolo que indica a altura das notas na partitura, ou seja, a pauta ou pentagrama é uma disposição de cinco linhas e quatro espaços onde são escritas as notas musicais e outras notações, como claves, fórmula de compasso. É a clave que dá o nome da nota e a figura musical que a representa.

¹² Pauta é um conjunto de linhas em que, nos interstícios, sobre, acima e abaixo delas, se escrevem notas musicais. A disposição de cinco linhas e quatro espaços é a mais utilizada; além das notas musicais, outras notações, como claves, fórmula de compasso, andamentos, também são escritas (DICIONÁRIO GROVE... 1994, p. 707).

e contavam suas histórias de vida, de frustração, de alegrias despertadas pela música. Como asseguram Deleuze e Guattari (2010, p. 193-194):

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que o experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido.

E ainda, trago a educação pelo olhar sensível como promotora de vínculos afetivos e posso dizer-lhes que, como professora e artista/musicista, busco ser uma provocadora de afetos, sempre afetada com algo que volta para mim, num vai e vem, num devir! “O afeto [...] é um mapa sensível do que acontece em aula, como o que chega e sai dela, transmutado em valor para a vida pessoal e social” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 11).

A terceira idade é uma etapa existencial benéfica aos idosos, com possibilidades de renovações e mudanças a partir de experiências sensíveis. A arte pode ser explorada pelo viés da sensibilidade, aqui em específico na prática educativa em musicalização (LUZ, 2008).

Percebo que o idoso, ao revisitar suas memórias, conversa com o passado, trazendo lembranças múltiplas, algumas sem sequência lógica e outras com histórias incríveis e divertidas, avivando ao presente significados com sentidos. E como questiona Bosi (1979 p. 47), qual seria então a função da memória?

Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. A anamnesis (reminiscência) é uma espécie de iniciação como a revelação de um mistério. A visão dos tempos antigos libera-o de certa forma dos males de hoje. Hoje a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzida.

O narrador conta o que ele apreende da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. Assim, a escuta das narrativas pode dar um ritmo à vida. Trata-se dos suportes materiais da memória. Tempo de lembrar a substância social da memória, tendo os sujeitos como personagens das histórias contadas por eles mesmos, e eu como narradora dessas experiências.

Quando colhemos as memórias dos idosos, fizemos com ações de mediação cultural entrevistas, visitas/expedições e práticas educativas, como apresenta a minha proposta nesta pesquisa/dissertação, especialmente por meio da musicalização. A

sustentação em que a memória se apoiava em tempos antigos hoje não há mais, pois as casas mudaram de cor, os lugares mudaram, as pessoas se mudaram, saíram de seus antigos lares, as árvores foram cortadas, as músicas não são mais tocadas. Tudo isso e muito mais está guardado na memória como paisagens de cada idoso (BOSI, 1979).

Nesse contexto, a reconstrução e a interpretação do passado significam um fazer valer o passado para o presente, o converter o passado num acontecimento do presente. Assim acontece a experiência.

A experiência do passado, portanto, não é um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz, tampouco, a um meio para adquirir conhecimentos sobre o que aconteceu ou o acontecido. “A interpretação do passado só é experiência quando tomamos o passado como algo ao qual devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos” (LARROSA, 2015b, p. 135).

Podemos dizer que a experiência é o que nos acontece. Assim, num acontecimento em comum, ou entre duas pessoas, a experiência para cada uma delas será singular. Nesse sentido, Larrosa (2015b, p. 32) discorre:

[...] se a experiência não é o que acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

E falando de experiência, de memória e das sensibilidades dos idosos/sujeitos, chego ao momento de compartilhar a escrita do processo de pesquisa em campo (CRAS e Conservatório).

1.6. Uma experiência singular: o campo de pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada com diversas ações mediadoras. Estávamos num grupo com três pesquisadores: eu, com a perspectiva de realizar ações de mediação cultural em musicalização; Ana Cristina Quintanilha Schreiber, com ações em artes visuais; enquanto Leandro Campos Barrocas moveu-se sobre as questões de políticas públicas para os idosos. Cada um de nós na investigação de suas especificidades.

Nossos sujeitos foram 30 idosos frequentadores do CRAS do bairro Jardim Paraíso, em Joinville. Eles participaram ativamente de ações de mediação cultural em espaços distintos: visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville; três oficinas de musicalização e artes visuais; entrevistas no espaço do CRAS.

Os idosos aqui apresentados são atendidos semanalmente no CRAS com atividades diversas, entre elas artes visuais, artesanato e atendimento da assistente social, tudo mantido pela Prefeitura. A idade dos idosos participantes da pesquisa foi estimada entre 60 e 85 anos.

Numa primeira visita ao CRAS, nós, pesquisadores, pudemos conhecer todos os senhores e senhoras que participariam do processo de investigação. Posso dizer que para mim foi um momento ímpar, pois ali se iniciou um vínculo afetivo, que faria toda a diferença no decorrer da pesquisa/investigação. Durante essa visita descobrimos que alguns dos idosos nunca haviam ouvido música ao vivo, somente pelo rádio, pela televisão e nos bailes.

Assim, como primeira ação de pesquisa, realizamos uma visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville como proposta de sensibilização e de apreciação musical para os idosos. Ao chegar ao espaço cultural, ficamos sabendo que também nunca tinham entrado numa escola de artes.

Os idosos foram dirigidos para o auditório a fim de apreciarem a apresentação musical com os professores de teatro, artes, música e dança. Entretanto a música foi o que mais chamou a atenção daqueles senhores e senhoras da terceira idade!

Nas entrevistas, escolhi apenas três dos idosos, pois o fato de citarem que apreciavam música, desde crianças e jovens, e de transmitir esse gosto musical para seus filhos e netos me chamou a atenção. O relato deles será abordado no 3º Movimento desta investigação.

Penso que, além de cumprir um papel social como proposta de acesso à cultura e de formação de plateia, ativamos muitos outros sentidos, como o de apreciar a música e nos transportar num bloco de sensações. Considerando em especial a apreciação musical, busco Copland (2014, p. 22-23):

A música é uma arte que se desenrola no tempo, e, nesse sentido, ela é como um romance, com a diferença de que os episódios romanescos ficam mais facilmente gravados na memória em parte porque se trata de cenas da vida e em parte porque sempre se pode voltar atrás para refrescar a memória.

Desse modo, penso que o ato de ouvir as músicas, assistir aos músicos, ver os dançarinos e outros personagens mobilizou as memórias dos idosos naquele momento de espetáculo ao vivo, os quais puderam ter uma experiência de apreciação musical. Mas não parou por aí, pois outras experiências aconteceram.

Ao final desse encontro propusemos aos idosos uma roda de conversa. Eles puderam expressar suas impressões sobre a visita/expedição e (re)viver suas memórias em relação às músicas e às situações do passado. As impressões dos idosos e suas falas serão narradas também no 3º Movimento, o qual está destinado às narrativas da investigação.

Nesse sentido, os espaços culturais passam a ser vistos na contemporaneidade não apenas como depositários de um patrimônio ou de uma memória que coletam, preservam, estudam e divulgam; tais locais podem ser também espaços relacionais entre os sujeitos e as coisas, um espaço de experiências, pesquisas e conhecimento.

Depois de algumas semanas, fomos até o espaço do CRAS, onde os idosos se encontram semanalmente para atividades de artesanato, convivência e assistência social. Ali foram desenvolvidas três oficinas (práticas educativas) de Artes e Musicalização, como citado anteriormente. Nessas oficinas os idosos puderam revisitar suas memórias, trazendo novos significados e articulando-os com o presente.

As experiências com a musicalização foram: escuta de canções folclóricas ao som de flauta doce e vivência ao tocar os sinos e os instrumentos de percussão pelos próprios idosos. Com essas experiências, lembraram da sua infância e puderam expressar pelo canto as lembranças das canções da sua juventude. A musicalização estava concretizada naquele ambiente! Nesse espaço “[...] o sujeito da experiência se define não por suas atividades, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2015b, p. 26).

Posso dizer que os idosos estiveram abertos, receptivos e disponíveis nas suas novas experiências, tanto no Conservatório Belas Artes de Joinville quanto no CRAS, nas ações de mediação da apreciação musical, roda de conversa e oficinas artísticas. E ainda, percebi na entrevista com os desses idosos, além de disponíveis, estiveram ativos trazendo à memória ações e experiências musicais da juventude.

O critério de escolha para as entrevistas primou pela afinidade dos idosos com a educação musical. A entrevista foi conduzida pela escuta e teve como fio condutor

suas histórias, envolvendo a lembrança da infância e uma inevitável preocupação de mediar esses conhecimentos para outras gerações. Portanto, esta pesquisa/dissertação trata especialmente do idoso ligado por meio da musicalização, às suas memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e de relações com o cotidiano. Os conceitos - idosos e terceira idade - completam-se em campos de estudos diferenciados, pois a educação necessita de múltiplas abordagens em locais e contextos diversos. A arte é capaz de contribuir e fornecer subsídios para práticas educativas diferenciadas.

1.7. A cartografia como abordagem de pesquisa

A abordagem cartográfica tem como princípio o acompanhamento de processos, conexão em redes ou rizomas. Gilles Deleuze e Félix Guattari foram os precursores desse pensamento, que trata de investigar um processo de produção subjetiva. Nesse contexto Kastrup e Barros (2014, p. 79) dizem que “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. Não há o isolamento do objeto de seu meio cultural, o acontecer se dá em campo. O pesquisador, nessa abordagem, vai ao encontro – aberto, mergulhando totalmente na pesquisa/experiência. Há então uma maneira de se aprender, ou seja, praticando a cartografia, e não a aplicando (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014).

A cartografia encontra-se como método de intervenção e produção subjetiva, científica e, ao mesmo tempo, sensível. Porém, ao contrário do que se pensa, cartografar exige rigor na caminhada, na precisão e em todos os movimentos da pesquisa/vida. “A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, com implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, p. 11).

Tramando ou tecendo, as linhas na dimensão da cartografia não se apresentam como as linhas da pauta, linear e horizontal. Na visão geral de uma partitura¹³ musical as linhas da pauta são atravessadas pelas linhas das notas e pelos travessões de

¹³ Partitura musical – forma de música escrita ou impressa em que pentagramas são normalmente ligados por barras de compasso a linhas na vertical, de maneira a representar visualmente a coordenação musical (DICIONÁRIO GROVE..., 1994, p. 702).

compassos verticais, que seguem com traçados pelas ligaduras e pontos de um lado a outro. A cartografia como método de pesquisa é sim um “acompanhamento do traçado desse plano ou linhas que o compõem. A tecedura não se faz de maneira só vertical e horizontal, mas também transversalmente” (PASSOS; BARROS, 2014, p. 28). As “regras” de pesquisa são entendidas como pistas, como já ditas anteriormente, as quais têm a função de “[...] nos guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminado de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, p. 13).

Quanto à formação do pesquisador/cartógrafo, não está embasada na experiência passada, e sim no presente. Envolve postura, disponibilidade, atitude, uma posição em relação ao mundo e a si mesmo. Para ser cartógrafo é necessário mais que ler livros sobre o tema pesquisado. É preciso sair a campo, seguir processos, habitar um território, deslocar a atenção, experimentar, praticar a escrita considerando a produção coletiva dos saberes. Tendo ainda em vista que pode ocorrer o inesperado, o imprevisível (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014).

Assim, tecendo fio a fio, finalizando o “1.º Movimento – uma pesquisa/vida com narrativas sensíveis e afetivas”, mas entre linhas de outros movimentos vindouros, trago a continuidade desta pesquisa/vida num momento atual da minha escrita descrevendo os próximos movimentos...

No “2.º Movimento – a terceira idade: outro ritmo de vida” abordo o conceito de terceira idade e de idoso pautado na esfera social e contemporânea. Os idosos têm possibilidades e energias outras, e essa etapa de vida ainda continua pulsando num ritmo ativo. Também narro sobre a visita/expedição realizada pelos idosos numa proposta de apreciação musical que se revelou importante e um interessante processo de sensibilidade, memória e sentidos.

Já no “3.º Movimento – desvelando narrativas: tecendo os fios entre as práticas educativas e as falas/vidas dos idosos”, volto a narrar sobre os processos de pesquisa, sobre os espaços, as experiências, as oficinas, as entrevistas e tudo o que pude recolher, coletar e produzir durante as experiências com as falas/vidas dos idosos. Estou a falar das subjetividades, dos significados e sentidos por meio de mediações em práticas educativas em musicalização.

E como considerações finais, escrevo o “4.º Movimento – no compasso das pistas cartográficas”, em que as pistas recolhidas durante os movimentos desta

pesquisa/dissertação se correlacionam com algumas experiências durante o processo da investigação de campo. Nesse aspecto, serão apresentadas três pistas cartográficas, uma para cada ação de mediação cultural: a visita/expedição, as oficinas e as entrevistas.

Vale ressaltar ainda que considero a escrita de cada movimento o que tradicionalmente denominaríamos de capítulos. E assim vou buscando, avançando e constituindo outros territórios, outros lugares, outros movimentos deste mapa cartográfico de outros tempos...



Metrônomo: ritmo vida

Fonte: Disponível em: <<http://sacandobaixo.com.br/post/2-motivos-para-voce-usar-um-metronomo-para-tocar-contrabaixo>>. Acesso em: 6 dez. 2017

2.º MOVIMENTO – A TERCEIRA IDADE: OUTRO RITMO DE VIDA

Início o segundo movimento trazendo em primeiro plano o conceito de terceira idade, um princípio cronológico que coincide próximo à aposentadoria e à velhice, na faixa a partir dos 60/65 anos. Falar de terceira idade é indescritivelmente falar do tempo em que somos rotulados como pessoas idosas, ou pessoas velhas...

Entendemos a velhice como um fenômeno histórico, social, cultural, de alta complexidade, multifacetado e multidisciplinar que perpassa as trajetórias de vida pessoal e social e só pode ser compreendida em determinado tempo, espaço, classe social relações de gênero e de etnia, dentre outras variáveis (GOLDMAN, 2007, p. 3).

O idoso, como sujeito da terceira idade, passa por outro tempo de sua vida, talvez mais lento.... Suas caminhadas não são iguais às corridas da juventude, suas emoções atuais se encontram paralelas às lembranças do passado, seu corpo não é o mesmo pulsante e latente como antes e sua mente ainda não se acomodou com seu atual estado físico, pois seus pensamentos continuam num andamento presto¹⁴. Trata-se de algumas das dificuldades que o idoso enfrenta nessa etapa de vida. E aqui não posso deixar de apresentar as palavras de Alves (2014, p. 56):

Acabo de voltar de minha longa caminhada: uma única volta no quarteirão onde vivo... E não sem cuidadosas preocupações. É preciso estar atento aos transeuntes enquanto se anda. Para evitar colisões. Uma colisão entre jovens é apenas uma colisão. Mas, quando é um velho que colide com um jovem ou uma criança, pode acontecer uma fratura... Calçadas são armadilhas, buracos e pedras que desequilibram os pés. Por isso é importante não largar a bengala, além de contribuir para o equilíbrio, dá, como consolo, certo ar de dignidade.

Entre conceitos e metáforas sigo refletindo sobre o entendimento da terceira idade, o qual é construído em conjunto com o contexto social/cultural e pode se modificar a partir das transformações ocorridas nesses territórios.

Os idosos, portanto, são participantes ativos dos processos culturais e considerados sujeitos sociais, os quais ganham um olhar de destaque, o que contribui para o entendimento das culturas para a terceira idade. De acordo com Moragas (1997 p. 19),

¹⁴ Presto é um termo musical "italiano que significa rápido, depressa" (DICIONÁRIO GROVE..., 1994, p. 743).

[...] o mito da velhice como etapa negativa se baseia em pressupostos incertos. A maioria dos idosos não tem limitações. Nem suas vidas são negativas e dependentes [...]. A velhice se constitui uma etapa vital que pode ter elementos de desenvolvimento pessoal, embora este desenvolvimento vá em direção contrária aos valores predominantes na sociedade atual: força, trabalho, poder econômico e político.

Assim, os idosos têm possibilidades e energias ativas, e nesse aspecto é importante considerá-los um ser ativo e pensante, alguém que já viveu muitas experiências e deseja ardentemente compartilhar, ensinar, ser ouvido e reconhecido pela sociedade. Fazê-lo sentir-se integrante do meio é uma busca constante no sentido de conquistar espaço nesta sociedade ainda com certo preconceito com relação à terceira idade. Vale destacar que muitas pessoas têm buscado meios (políticas públicas, pesquisas etc.) para que o idoso possa continuar aprendendo, aberto a novidades. Lima (2000, p. 14) assevera:

Estudar e aprender a velhice, como um problema, para o mundo, dentro de uma complexidade política, social e econômica, e tentar buscar novas soluções para auxiliar o idoso, eu diria, este novo idoso, a se inserir na sociedade, foi e está sendo uma grande meta para se alcançar.

O idoso é portador de suas experiências ao longo de sua vida. Entretanto muitas vezes não é percebido como esse ser potente. Como, então, auxiliar o idoso a reencontrar-se como cidadão do mundo, traçando novas metas e ajudando-o a identificar suas potencialidades? O idoso é um agente social e precisa ter essa consciência. E mais do que isso, a sociedade necessita entendê-lo como tal (LIMA, 2000).

Muitos são os mitos que se formaram em torno da velhice. Teme-se aquilo que se desconhece. A visão tradicional do idoso como alguém inútil, isolado, em declínio biológico e mental, marcado por um tempo linear, com problemas de saúde e, na maioria das vezes, dependente física e economicamente de alguém, ainda prevalece em nossa sociedade. Além disso, como bem falam Brandão, Silva e Rebelo (2003, p. 20), é possível observarmos que são

[...] vários papéis do idoso em diferentes espaços e tempos, [que] diferem, alterando a sua posição individual no grupo conforme a sua cultura, incluindo direitos e obrigações que configuram seu comportamento social. A posição ou status na sociedade é fato que marca o começo e o fim do desempenho social.

Penso que se faz necessária uma desconstrução da imagem desse idoso estigmatizado, pois o estigma o cala e o exclui do convívio social e profissional. E por

que não exemplificar aqui o caso da aposentadoria, que impulsiona o idoso a passar de um estado ativo para um estado, por vezes, passivo, inserido numa sociedade ativa e jovem, que muitas vezes o vê como um peso social. Essa nova condição poderia ser um tempo de ressocialização, um novo tempo, sem deixar de ser significativo e fundamental como referência para as novas gerações.

O idoso é um ser humano ativo, ele pode aprender a se adequar a novos papéis e (re) pensar as relações ainda possíveis de trabalho social, político e cultural de ajuda mútua na família e na comunidade em que está inserido. Há, então, um (re) apreender com novos papéis: cônjuges mais experientes, avós, aposentados, viúvos, casados novamente, um novo trabalhador que pode colaborar em múltiplas atividades nas instituições, sendo ainda homens e mulheres produtivos (BRANDÃO; SILVA; REBELO, 2003).

Entendo que a educação para a terceira idade vem ganhando espaço nos últimos anos, haja vista o que dispõe a Lei n.º 10.741 (Estatuto do Idoso) no capítulo V – Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer –, artigo 20: “[...] o idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003).

Já no artigo 21, parágrafo 2.º, o estatuto traz a determinação de que

[...] os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade cultural (BRASIL, 2003).

O idoso, como um ser pensante, ativo, atuante e integrante da sociedade brasileira, pode receber um olhar mais respeitoso, mais adequado, mais zeloso e valorativo da sociedade. Estar sensível a esse grupo é compreender que ele precisa ser reconhecido e que, muitas vezes, está sozinho (sem familiares, sem amigos, sem vida social). Fato esse que nos alerta para a importância desses personagens da história, como protagonistas em nossas construções identitárias.

Estar atento aos nossos idosos nos ensina que há muito que aprender com cada experiência rememorada. A essas vivências construídas ao longo de suas vidas, em contextos políticos, econômicos, sociais outros, nós nunca teremos acesso.

Nós, de uma geração seguinte, só teremos acesso ao passado por leituras, por interpretações de escritos da história, escritos que também foram interpretados por aquele que os escreveu, ou ainda por testemunho. “Pois enquanto falam de história,

estão sempre situados na história” (CERTEAU, 1982, p. 24). Testemunhos cheios de percepções e afetividade. Para nossos idosos, esse é um dos pontos que movem esta pesquisa. Assevero que nunca pesaremos os acontecimentos como eles que os viveram. Retomo que a experiência é para cada um singular, única, impossível de reproduzir.

Assim, cabe a mim nesta pesquisa/dissertação compartilhar os meios e as possibilidades desenvolvidas durante as práticas educativas em musicalização, contribuindo no sentido de pensar com o grupo de idosos sua participação social, reiterando que a memória e as construções identitárias são propulsoras de novas percepções e de uma vida mais significativa.

Narro a seguir a visita/expedição realizada ao Conservatório Belas Artes de Joinville, que foi sem dúvida uma experiência sensível para os idosos, e especialmente para mim.

2.1. A visita/expedição com os idosos do CRAS

A visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville foi nossa primeira ação de prática educativa em campo de investigação. O termo “visita/expedição” tem um significado para nós, pesquisadores, como uma viagem de exploração a um lugar distante, em grupo – uma viagem com fins científicos (GRANJA, 2006).

O intuito da visita/expedição foi sensibilizar os idosos por meio de uma apreciação musical. Nesse processo, também é possível desvelar a percepção, de suma importância para a construção humana. É por meio dela que conhecemos o mundo, os objetos e os fenômenos. A percepção agrega vários sentidos, como: enxergar, ouvir, tocar, saborear, conhecer... A percepção humana “é dirigida pelo sujeito, orientada segundo um projeto, uma intencionalidade. O homem é capaz de orientar e desenvolver a sua própria aprendizagem perceptiva” (GRANJA, 2006, p. 53). E esse olhar tem enfoque no aguçar, apreciar, cativar, atrair, buscar o ser humano, (o idoso), no mais profundo do seu ser, podendo expressar os seus sentimentos, emoções e sensações.

O perceber e o conceber podem se articular, o ver e o ouvir podem se promulgar simultaneamente na percepção musical, numa expectativa multissensorial ou comunicação entre os sentidos. Nas palavras de Granja (2006, p. 56), “[...] ouvir não significa apenas registrar o audível, mas instaurar um estado de escuta que permita perceber a presença do audível e do visível virtualmente presentes”.

Nessa relação de comunicação, de sentidos, de escuta e de visual optamos pela exploração musical afetiva para os idosos, para que pudessem ouvir as músicas apresentadas, mobilizando a memória e os sentidos. Copland (2014, p. 25) menciona essa apreciação como “plano sensível”, em que “[...] a maneira mais simples de ouvir música é entregar-se ao próprio prazer do som”. Nesse sentido, posso dizer que os idosos se entregaram ao prazer do som no ambiente daquele lugar repleto de arte, de pessoas, de artistas, de tantas sensibilidades.

No dia 26 de novembro de 2016 iniciamos nossa exploração científica... Saindo do CRAS do Bairro Jardim Paraíso, fomos até o centro de Joinville. Quando chegamos ao Conservatório Belas Artes, nós, pesquisadores, nos surpreendemos com as falas de alguns idosos, os quais desconheciam espaços como uma escola de artes.

- “Nunca estive numa escola de música antes”, dizia um dos senhores.
- “O que será que vamos encontrar lá dentro? ”, outro questionava!

Foi com grande encantamento que os idosos adentraram no Conservatório. Logo na entrada todos os idosos foram recebidos pelas secretárias, em companhia dos pesquisadores Ana e Leandro, e das professoras orientadoras. Na sequência, todos se dirigiram ao auditório da escola, onde eu os esperava.

Nesse momento observei a fisionomia de cada um dos idosos, a surpresa e a novidade em estar num espaço de artes, de ver e de poder tocar nos objetos, nos instrumentos e conversar, sorrir e usufruir aquele tempo e lugar.

E outras conversas chegavam aos meus ouvidos:

- “Puxa, nunca tinha visto instrumentos musicais assim, ao vivo”, confessou um dos idosos.
- “Estou comovida, como esse lugar é grande! ”, falava outra idosa.
- “No palco tem um piano que parece ser de novela! ”, comentava uma senhora para outra, quase cochichando.

Nós, pesquisadores e idosos, fomos nos acomodando no espaço do auditório com as cortinas ainda fechadas no palco.

Preparamos o lugar, nós, pesquisadores, e os professores do Conservatório Belas Artes – meus colegas de trabalho –, para a apresentação do “Espetáculo Cênico-musical Sou Porque Somos” (vide imagens 1 e 2). Às 10 horas a cortina do palco foi aberta e iniciou-se o espetáculo com a peça “O Amanhecer”, de Edward Grieg (1843-1907), tocado ao piano para uma bailarina dançar... Foi um momento doce, leve e ao mesmo tempo intenso.

Imagens 1 e 2 – Visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville - idosos



Fonte: Da autora

Em seguida, o Quinteto de Dulcistas¹⁵ subiu ao palco tocando “Danças Renascentistas”, de Claude Gervaise (1525-1583), com sons suaves, dançantes, envolventes e elaborados. Seguido por um duo de violões à melodia de “Cora Coração”, de Stênio Marcus (compositor brasileiro), surpreendendo os ouvintes. Nesse instante percebi uma conversa de olhares, de pensamentos, uma fala entre

¹⁵ Dulcistas – pessoas que tocam flauta doce.

ouvintes, músicas e intérpretes. Aqui não posso deixar de abordar Copland (2014, p. 11), ao dizer o seguinte: “[...] a audição inteligente, na qual o ouvinte deixa de ser um elemento passivo para tornar-se alguém que aceita com a música algum diálogo”.

A peça “Marcha Turca”, de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), foi interpretada por nós pianistas/professoras Hilda e Gricelda ao piano em estilo de quatro mãos¹⁶. O impacto para os idosos foi o virtuosismo que a peça apresentava. As músicas “Assum Preto”, de Luiz Gonzaga (1912-1989), e “Água de Beber”, de Tom Jobim (1927-1994) e Vinicius de Moraes (1912-1980), foram interpretadas pela banda de professores e cantores (vide imagens 3 e 4).

Entretanto o samba “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa (1910-1982), foi a apresentação mais aplaudida pelos idosos, com banda, vozes e ainda um casal de dançarinos/professores com figurino dos anos 1940. Imagino que memórias múltiplas naquele momento se instauraram nas mentes daqueles senhores e senhoras! O ritmo do samba está muito próximo de nossa imaginação, ao movimento físico, então podemos associar a ideia da melodia desse ritmo a uma emoção íntima. Nas palavras de Copland (2014, p. 49),

O efeito causado na nossa sensibilidade por esses dois elementos primários [ritmo e melodia] é igualmente misterioso. Que uma boa melodia tenha o poder de nos comover é algo que até agora nenhuma análise foi capaz de explicar.

Como diz Rubem Alves (2012, p. 40), “[...] a educação da sensibilidade musical deveria ser um dos objetivos da educação”. A música tem o poder de penetrar no mais íntimo de nossas almas e ainda “comover o mundo interior da sensibilidade onde mora a bondade” (ALVES, 2012, p. 40).

Imagens 3 e 4 – Visita/expedição ao Conservatório Belas Artes de Joinville

¹⁶ Duas pessoas podem interpretar uma peça escrita para piano. Essa técnica é chamada de piano a quatro mãos.



Fonte: Da autora

Seguimos com a audição, ativando a sensibilidade. Na continuação dessa cartografia multisonora, os alunos do curso técnico em canto apresentaram “Happy”, de Pharrel Williams (1973), e “Assim Caminha a Humanidade”, de Lulu Santos (1953). Para finalizar, tocamos um Medley¹⁷ dos anos 1980, que foi muito divertido e apreciado por todos.

Para encerrar as apresentações da manhã, cantamos “Baba Yetu”, de Christopher Tin (1976), interpretada em dialeto africano, com a participação de todos os professores e alunos que naquele lugar se encontravam.

Os sons das palmas eclodiram novamente daquelas mãos que um dia já foram jovens, e a cortina se fechou. Tudo ficou em silêncio novamente, numa grande expectativa do que viria em seguida... De repente, eu aqui escrevendo, pensei também na escrita de Alves (2010, p. 31): “[...] há sons que não existem mais, que estão perdidos na memória”.

¹⁷ Medley é um formato musical em que se incluem trechos de diversas músicas sem interromper nenhuma quando é cantada ou tocada. Nesse caso foram várias músicas dos anos 1980.

Continuando com a narrativa sobre aquele dia.... Após a apreciação musical, o grupo de idosos foi convidado a conhecer o espaço do Conservatório: salas de aulas de música, de artes, de fotografia, de dança, de musicalização, bem como a exposição de artes dos alunos do curso de desenho, no primeiro andar da escola. Além de todas as novidades desse território que nunca haviam habitado, alcançamos algo a mais, um espetáculo ao vivo para o grupo de idosos. Isso se traduziu não somente nos sorrisos, nos olhares, como também nas falas de alguns deles:

– “Que lindo ver um espetáculo ao vivo, pois eu só tinha visto na televisão”, disse um dos idosos.

Aqui destaco a cartografia como abordagem metodológica de pesquisa que nos propicia ir por caminhos diferentes quando o movimento se altera. Alvarez e Passos (2014, p. 131) ressaltam que “cartografar é habitar um território existencial”, completo, e o cartógrafo se encontra imerso no território não visível e, ao mesmo tempo, atento aos signos que estão ao seu entorno. Nosso engajamento, como pesquisadores, acontece num compartilhar de um território existencial em que sujeito e objeto se relacionam.

Nesse sentido, pesquisar com alguém ou com algo e com engajamento, e não sobre algo, é o objetivo. Ocupamos um lugar de pesquisador, observador, abertos ao que aconteceria na experiência. E fomos acompanhando, aprendendo com os idosos, nas suas singularidades com as nossas, e no grande coletivo que se formou. Estávamos todos atentos naquele território.

E com alguns comentários e expressões não faladas, conduzimos o grupo para uma das salas, a fim de realizar uma roda de conversa, que não estava em nosso roteiro, mas, em virtude da observação atenta enquanto os idosos assistiam ao espetáculo, percebemos que não poderíamos perder a oportunidade de continuar a ouvi-los.

Cada um deles revisitou suas memórias a partir das suas experiências com a audição do espetáculo. Uns se lembraram das músicas que dançavam em bailes, onde alguns conheceram o seu grande amor na juventude; outros recordaram das festas sempre movidas com muita música, dança e comida; alguns ainda relembrou as letras e canções preferidas e que jamais ficaram esquecidas em seu coração e na memória.

Muitos deles recordaram e falaram do respeito e do compromisso que no “tempo deles” existia, como as juras de amor, a sinceridade do carinho demonstrado uns pelos outros, entre os amigos ou entre a namorada e o namorado. Nesse momento, alguns dos idosos fizeram um breve comparativo entre o passado e o presente, dizendo que hoje falta respeito no amor, faltam fraternidade, compreensão... “Tudo é passageiro... As pessoas estão se perdendo... Não há mais tempo para conversar e amar”, desabafou uma das idosas.

Imediatamente, lembrei-me da poesia de Rubem Alves (2014, p. 154):

[...] o namoro tem vida intensa e breve. E é por isso que é tão belo e a sua memória – saudade – mora e dói em nossos corpos [...]. Ah! Como seria bom se fôssemos sempre jovens, puros e ardentes!

Ainda sobre o amor, Alves (2010, p. 155) comenta:

Mas o amor na velhice é um espanto, pois nos revela que o coração não envelhece jamais. Pode até morrer, mas morre jovem. [...] O amor tem o poder mágico de fazer o tempo correr ao contrário. O que envelhece não é o tempo. É a rotina, o enfado, a incapacidade de se comover ante o sorriso de uma mulher ou de um homem. Mas será incapacidade mesmo?

Alves (2010) alerta-nos de que o amor transcende o tempo e que vai se transformando em outros amores: da companheira ou do companheiro, dos filhos, dos netos e de outros tantos amores que vão surgindo. A memória foi ativada pela ação musical, e nesse contar histórias vivas e vividas, aquela roda de conversa ficava cada vez mais interessante, desvelando segredos guardados, que só então foram revelados. O senhor João¹⁸ falou: “Quando festejávamos um aniversário de algum dos amigos, todos eram surpreendidos com tiros ao alto, na frente de suas casas. Esse era sempre um motivo para se ouvir muitas músicas, dançar, beber e comer”. E continuou: “Era morto um porco, galinhas, dando muitas risadas e se divertindo muito”.

Ainda naquela manhã, ouvindo histórias de vida, descobrimos algo surpreendente: um dos idosos compartilhou conosco que fora músico e que outrora fizera parte da dupla sertaneja Zé Tapera e Teodoro, de 1965 a 1980. Uma carreira de sucesso por 15 anos, com muitas composições criadas a partir dos seus amores não correspondidos, dos bons momentos alegres e outros tristes que o cercaram durante esse tempo de shows em sua carreira.

¹⁸ Nome fictício.

Disse ele: “Entre tantos desamores, o maior deles foi ter deixado partir minha amada para ser feliz com outro homem, e de estar sozinho até hoje”. Um senhor com saúde frágil, acometido num leito aos cuidados de sua irmã e que tem em suas memórias um consolo em seus dias atuais e a esperança de voltar a encontrar o amor de sua vida, mesmo que por alguns instantes... Outras memórias vieram de outros idosos que narravam sobre sua infância, sua terra natal, seus pais, filhos e amigos.

A música foi o que mais chamou a atenção daqueles senhores e senhoras da terceira idade, pois é linguagem universalizada, palavras não são ditas, frases não são relatadas, períodos não são comentados. No entanto os ritmos outrora fragmentados pelo pulso constante da música estão nas figuras de notas musicais e na melodia com frases repetidas.

Penso que, além de cumprir um papel social como proposta de acesso à cultura, ativamos muitos outros sentidos no grupo de idosos nesse dia de visita/expedição. Não houve apenas uma apreciação musical afetiva; transportamo-nos num bloco de sensações, e estas, envolvidas de muita leveza, suavidade, nostalgia, alegria e, ao mesmo tempo, de muitos afetamentos com significados distintos a cada sujeito ali presente. Agora retorno a meus pensamentos, como pesquisadora afetada por tantas sensações e como cartógrafa imersa no processo de pesquisar em campo.

A terceira idade parece estar surgindo como uma possibilidade de se pensar uma nova maneira de ser idoso, apresentando outros modos de olhar a vida. Em vez de ficarem em casa, isolados, podem buscar outros prazeres: encontros com amigos, bailes, viagens, visita a espaços culturais, como museus, teatros, universidades abertas à terceira idade, escolas para visita/expedições, entre tantos outros. Busco Lima (2000, p. 23) para dizer que:

O movimento da Terceira Idade emerge com uma força ainda desconhecida por aqueles que a vivenciam, de sujeitos que tornam visível a possibilidade de modificação da velhice, tirando os rótulos e contestando os mitos.

Ao pensar sobre o ritmo da vida dos idosos participantes da presente pesquisa/dissertação, percebi que, tratando-se de terceira idade, o ritmo de cada idoso difere de acordo com seu entendimento de vida. Essa concepção de fragilidade ou limitação não é o mesmo pensamento de todos dessa etapa de vida.

Aprender não é apenas uma questão ou um direito de uma só idade, pois nós, humanos, estamos em constante formação. O pensamento de que o idoso, ao se aposentar da vida profissional, deva ficar ocioso, acomodado já não faz parte da “nova geração” da terceira idade. Esse idoso é mais atuante, participativo de atividades culturais, de práticas acessíveis e relacionadas à sua cultura. Encontrar atividades e práticas que lhe interessem, que sejam significativas, seja qual for o seu nível cultural ou classe social, é ainda um desafio, entretanto pesquisas estão caminhando nesse aspecto para impulsionar tal dinâmica social (BRANDÃO; SILVA; REBELO, 2003).

Continuo investigando e estudando oportunidades de incluir essa classe social nos mais diversos meios de conhecimento e contato com a cultura, proporcionando acesso às artes, entre elas a música. Para tanto, realizaram-se três oficinas no CRAS, que serão narradas no próximo movimento, acompanhando o ritmo de cada idoso partícipe.



Musicalizando pessoas e espaços

Fonte: Da autora

3.º MOVIMENTO – DESVELANDO NARRATIVAS: TECENDO OS FIOS ENTRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSICALIZAÇÃO E A FALA/VIDA DOS IDOSOS

Neste movimento a narração toma conta de minha escrita... As investigações sobre a musicalização, os processos de pesquisa, os espaços do CRAS, as oficinas e entrevistas, entre outras questões, tornaram-se significativos para mim, e em especial os idosos, que tanto me ensinaram sobre a vida.

Na trajetória de pesquisa, os dados foram aos poucos se produzindo no processo, com base nas práticas educativas com mediações de musicalização (oficinas), culminando em experiências sensíveis das falas/vidas dos idosos com suas subjetividades, significados e sentidos.

Essas experiências sensíveis são apresentadas sob a forma de narrativas, uma vez que essa abordagem se encontra na cartografia e possibilita uma “[...] multiplicidade de formas de construir saber e compreensões científicas” (SUÁREZ, 2017, p. 10). Ou seja, permite múltiplas estratégias metodológicas como modo de mobilizar processos de criação.

3.1. Processos de pesquisa pelo viés narrativo

Pesquisas em educação, refletindo a respeito de caminhos alternativos e partindo das histórias de vida e da arte, levam-nos às aventuras de novos conhecimentos, outras perspectivas de pesquisar e de buscar experiências. Assim, Torregrosa (2017, p. 304) afiança que “[...] as pesquisas narrativas valorizam as experiências e as vivências das pessoas, levando-nos a outros modos de viver os processos de busca”.

Situando as pesquisas com e pelo viés narrativo, é interessante lembrar que elas foram introduzidas nas ciências humanas com o axioma de (re)pensar, (re)elaborar as investigações e as relações constituídas entre o investigador e o objeto/sujeito de estudo. E nesse processo

A pesquisa narrativa favoreceu a inclusão das experiências humanas e seus relatos no coração dos processos de indagação. Surge, a partir dela, outro tipo de investigação, outra maneira de abordar o conhecimento, originada em uma dimensão mais relacional, introduzindo a participação ou a colaboração dos sujeitos, na qual o pesquisador se aproxima do tema estudado favorecendo a emergência de outros tipos de saberes (TORREGROSA, 2017, p. 305).

Dessa forma, na perspectiva narrativa, tratamos de desvelar/descobrir e apreender com as várias formas de se viver a vida, e também de se viver a velhice. Situações contadas, histórias, olhares distribuídos em meio às oficinas, tempos de sabedoria, “de afetos” que ora presenciamos com os idosos, ora fomos transportados, por meio de suas falas, para um tempo não esquecido. Enquanto equipe de pesquisa, tivemos a possibilidade de construir novos saberes como o trabalho coletivo, saberes estes que vão além da pesquisa. Legitimamos com nossos pares conceitos novos para nós. Posso dizer que foram tempos de troca, de quem busca investigar afetos, sentidos e percepções, cautelosos na busca dos mínimos detalhes, minúcias que possam dar maior gramatura em nossas escritas. Uma preocupação e responsabilidade compartilhadas por todos nós pesquisadores. Aprendemos uns com os outros, sem qualquer tipo de hierarquia, num universo em que todos nós éramos curiosos aprendizes.

3.2. Práticas educativas: oficinas de musicalização e experiências sensíveis

Em busca de levar aos idosos do CRAS os primeiros encontros com a arte/cultura, propusemos três oficinas em musicalização, as quais, depois de pensadas, planejadas e organizadas, foram realizadas. A observação desvelou que o grupo esteve aberto a conhecer novidades no que se refere às artes. Os idosos foram provocados a revisitar suas memórias musicais. Nesse movimento, histórias foram desveladas, lembradas, coletadas e escolhidas por mim. Cada música lembrada trouxe um significado e estabeleceu um diálogo entre os idosos e a pesquisadora (eu), assim como as práticas educativas desenvolvidas.

A educação como prática educativa na terceira idade representa um dos caminhos para serem explorados e percorridos, com possibilidades metodológicas aplicadas de forma lúdica e prazerosa, como as que ocorreram nesta pesquisa.

O revisitar das experiências e memórias dos idosos durante décadas de vida pode mobilizar a sensibilidade e (re) significá-las, proporcionando novas propostas para um envelhecer produtivo, autônomo e constitutivo de uma maturidade (LUZ, 2008).

Nesse contexto, emerge novamente em minha mente a questão norteadora da presente investigação: A ação mediadora em práticas educativas musicais, tendo como alicerce a musicalização, pode possibilitar experiências em que memórias e sentidos possam ser (re) ativados, constituindo relações com a vida cotidiana na terceira idade?

Nesse âmbito, o objetivo geral da pesquisa constituiu em analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.

Após provocar os idosos a ativarem suas memórias, especialmente as musicais, por meio do contato com a música, trazendo-as ao presente, organizamos uma visita/expedição a um espaço em que emergem as artes e três práticas educativas em formato de oficinas, tendo como base experiências sensíveis em musicalização.

Portanto, com tais ações, percebi que a investigação pôde contribuir de forma significativa com esse grupo de idosos, e principalmente comigo mesma, ao redescobrir minhas próprias memórias. As relações de interatividade entre o grupo e o grupo comigo tiveram os vínculos afetivos como o maior aliado no processo, reiterados pelas palavras de Penna (2015, p. 31):

[...] a compreensão da música ou mesmo a sensibilidade a ela tem por base um padrão culturalmente compartilhado para a organização dos sons numa linguagem artística, padrão este que, socialmente construído, é socialmente apreendido - pela vivência, pelo contato cotidiano, pela familiarização [...].

Assim, como musicista/cartógrafa, eu penso que a afetividade na relação com os idosos durante o processo da visita/expedição, tanto das oficinas de musicalização quanto das entrevistas feitas, provocou o pensar/fazer/experienciar musical, entrelaçando afetos.

Esta pesquisa/dissertação propôs questões sobre afetividade, experiência, sensibilidade, memória e educação musical como possibilidade para ampliar o olhar sensível sobre a terceira idade. Para tal, trouxe conceitos significativos para a

compreensão dos processos de educação musical, destacando processos afetivos dos idosos envolvidos no fazer musical durante as práticas educativas em musicalização.

Foi um processo de produção de subjetividades nas observações, nas práticas, nas conversas, e com os diversos efeitos com os idosos e comigo, como é proposto pela abordagem cartográfica. Nesse viés, encontro a narrativa que se apresenta nas vozes dos partícipes e na minha escrita.

Assim, reflito nas palavras de Torregrosa (2017, p. 303) “[...] sobre os caminhos alternativos da pesquisa em educação a partir das histórias de vida e da arte que nos introduzem novamente na aventura do conhecimento”, que me levam a buscar ainda mais o conhecimento em educação, educação musical e terceira idade.

As oficinas foram realizadas no espaço do CRAS, que é um órgão mantido pela Prefeitura, um espaço que promove ao cidadão, no caso ao idoso, mediante profissionais como psicólogos, assistentes sociais, médicos e dentistas, assistências tais de forma a valorizá-lo como ser humano e ainda realiza atividades como artesanatos, danças, jogos, músicas. Além disso, o idoso recebe cestas básicas. Esse órgão público pode vir a ser um meio pelo qual um profissional da arte consiga promover e estabelecer contato social, cultural e artístico.

3.2.1. Primeira oficina: os sentidos por meio da música

A primeira oficina foi realizada no dia 9 de novembro de 2016 pela manhã, nas dependências do CRAS, com os 30 idosos que nos esperavam ansiosos (a mim e a outra pesquisadora – Ana).

Iniciamos a oficina distribuindo alguns aromas: orégano, manjeriço, canela, café, pimenta, folhas de laranjeira e hortelã. Os idosos foram provocados a descobrir os aromas de olhos vendados para que nada pudesse interferir nas suas sensações e percepções olfativas. Durante a experiência, canções foram tocadas por mim na flauta doce.

O repertório usado nessa prática de musicalização foi o seguinte: “Ciranda Cirandinha”, “Bão ba la lã”, “Escravos de Jó”, “Terezinha de Jesus”, “O Cravo Brigou

com a Rosa”, “Caranguejo Não é Peixe” e “Nesta Rua Tem um Bosque”. Todas são canções de roda e do folclore brasileiro; as escrevi em partitura para flauta doce especialmente para a oficina. Também foram tocadas outras músicas populares de compositores brasileiros: “Quem Te Ensinou a Nadar” (Milton Nascimento, 1942), “O Cirandeiro” (Edu Lobo, 1943; Maria Bethânia, 1946) e “Cio da Terra” (Milton Nascimento, 1942; Chico Buarque, 1944), que foram propostas e adaptadas para a flauta doce e canto.

Enquanto eu tocava flauta, os idosos aspiravam aos aromas que eram passados de mão em mão (vide imagem 5). Escutavam as músicas, inalavam aqueles cheiros e, com alegria, diziam o nome dos aromas, enquanto ativavam suas memórias, relacionando os aromas e sons sentidos e ouvidos. Como bem manifestou Alves (2012, p. 31), “o mundo está cheio de música. Há os sons que não existem mais, que estão perdidos na memória”. Todavia o silêncio também faz parte da música e da vida, assim como outros sentidos, que “se refinam, despregam-se de suas funções práticas e tornam-se sensíveis [...]” (ALVES, 2012, p. 42).

Imagem 5 – Oficina de aromas e sons no CRAS



Fonte: Da autora

Desse modo, após a experiência aromática e sonora, tiramos as vendas dos olhos de cada um e começamos a indagá-los. Vocês se lembraram de algo quando inalavam os aromas? Que sensação ou sentimento os aromas trouxeram a vocês? Os idosos então foram narrando suas próprias experiências sentidas naquele momento e das que já outrora viveram. Mencionavam a infância, os seus pais, os seus

avós, a casa onde eles moraram, a escola que frequentavam, os amigos que tinham, a cidade e estados em que viveram; naquele momento tudo vinha à memória e aguçava os mais recônditos sentidos.

– “Eu me lembro do sítio, o fogão à lenha, as panelas de alumínio brilhando penduradas, da minha mãe na cozinha com aquele avental, o chão vermelho batido do quintal de minha casa”, compartilhou um senhor.

– “O cheiro do café ao ser acordado por minha mãe para eu ir à escola, meu lanche que minha mãe me preparava... Ah, tempos bons”, dizia outro.

– “Meu tio tinha um caminhão, no final de semana ele colocava os filhos e me convidava para tomar banho e pescar num outro sítio ali perto. Tudo era divertido, depois contar as histórias de pescador para os meus pais”, dizia outro entre risos.

Compartilharam suas histórias de vida, relacionando os aromas, temperos e sons às suas lembranças. A maioria dos idosos narrou que morava em sítios, com fartura de comida, aconchego do lar, fogão à lenha, delícias caseiras da culinária, a lembrança dos pais, dos vizinhos e amigos.

Os idosos acessavam suas memórias, carregadas de subjetividades, de afetamentos, rememorando histórias, narravam seus primeiros amores, suas decepções, suas saudades.... Eles demonstravam um grande prazer em compartilhar essa mistura de alegria, nostalgia, tristeza, euforia ou mesmo dissabores. E ainda, refletiram sobre como viveriam as suas histórias hoje. Alguns faziam tudo diferente, outros faziam tudo igual, outros faziam mais do que fizeram.

Foram convidados a compartilhar de palavras que fizeram sentido e na memória o significado que as músicas lhes traziam às suas lembranças.

Na sequência da oficina, queríamos ativar os sentidos do tato com a música. Apresentamos aos idosos uma caixa (vide imagem 6). Pedimos que desenhassem o que eles achavam que havia dentro dela. Assim, todos o fizeram, logo em seguida puderam ter acesso aos objetos que estavam dentro da casa, mas sem os visualizar. Apalpavam os objetos (carrinhos de brinquedo, bonecas, petecas, bolinha de gude, bolinha de ping pong, pião, uma tampinha de garrafa, um balão vazio, uma fita curta, um prendedor de roupa, uma flor, um dado, um algodão, uma lixa, entre outros), sentindo suas texturas, volume e dimensão.

Imagem 6 – Oficina de percepções – o que há na caixa?



Fonte: Da autora

Nessa prática educativa medida pela musicalização, a música se fez presente, tanto pelo som que emanava de minha flauta como pela experiência auditiva, pois cada vez que eu pausava o som a caixa parava em uma das mãos, que tateavam um dos objetos, relacionando-o a algumas parlendas e canções folclóricas. Brincavam com a caixa como se fosse aquela brincadeira da batata quente, passando rapidamente de um para o outro até que a música cessasse.

Cada um, ao descobrir qual objeto possuía em mãos, falava o seu nome e, assim, sua venda dos olhos era retirada. Quando todos já estavam de posse de seus objetos, algo aconteceu. As memórias foram ativadas, e para cada objeto surgia uma história afetiva, que foi compartilhada com todos do grupo. Um emaranhado de risos e lágrimas expressava a emoção daquele momento. Para cada história, imaginávamos cenas envoltas em lugares, pessoas e sensibilidades.

Relacionavam os objetos às suas lembranças, experiências, trazendo o tempo passado ao presente, ou viajando do presente ao passado. Como destaca Alves (2012, p. 46): “[...] A mão toca o braço, sem pensar, para dizer... [...] O olhar não toca. O tato acontece quando a pele e, portanto, o meu corpo, é tocado por algo de fora (ou por ele mesmo...)”.

Sobre histórias narradas, Torregrosa (2017, p. 307) considera que “as pesquisas narrativas apresentam uma teoria carnal da comunidade ao aproximar-se

novamente das pessoas que a constituem e das vivências de cada dia, entre emoções e razões, ideais, frustrações, situações e projetos”.

E com emoções, frustrações, razões, experiências e afetamentos, caminhávamos para o movimento final da oficina. Os idosos dançaram e cantaram ao som da flauta doce, numa brincadeira de roda, com a música “O Cirandeiro”. Logo em seguida, foi proposto mais uma vez que dançassem, ainda ao som da flauta doce, uma música medieval – “Bransle das Lavadeiras” (Arbeau, 1519-1551). Assim, puderam aprender alguns passos de dança medieval, reportando a imaginação à época de reis e rainhas. A memória, os sentidos e a afetividade retomaram a ação daquele momento, com sons de vozes maduras e palavras saudosistas, entretanto com imenso prazer, pois “naquela época dançar com amigos e namoradas ao som de muita música acompanhada pelos músicos da época era divertido” – dizia um senhor.

– “Tempo bom aquele, tomava banho, passava uma colônia e ia ver a namorada. Ia passear na praça, dar umas voltas pela cidade, às vezes ia no circo, ou no parquinho que vinha na cidade, mas o melhor momento era o de encontrar a amada e esperar chegar o outro final de semana para repetir o momento tão esperado”.

3.2.2. Segunda oficina: experimentando a música

No dia 16 de novembro de 2016, realizamos a segunda oficina com os idosos, os quais foram desafiados a, enquanto ouvissem músicas da época de sua infância (partindo dos anos 1935...) ao som de flauta doce, escrever, desenhar ou comentar oralmente sobre algo que os remetesse ao passado, fazendo uma relação com as canções ouvidas.

Alguns questionamentos foram levantados por nós, pesquisadores, de forma que os idosos pudessem buscar suas histórias do passado e trazê-las ao presente: o que essas músicas lembram (lugares, pessoas, tempo, experiências)? Qual o contato que vocês tinham com música? As músicas interpretadas foram: “Samba Lelê”, “Escravos de Jó”, “O Pastorzinho” e “Marcha Soldado”, que fazem parte do folclore brasileiro, além de “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga (1912-1989) e H. Teixeira (1915-1979), que se trata de um clássico do baião nordestino.

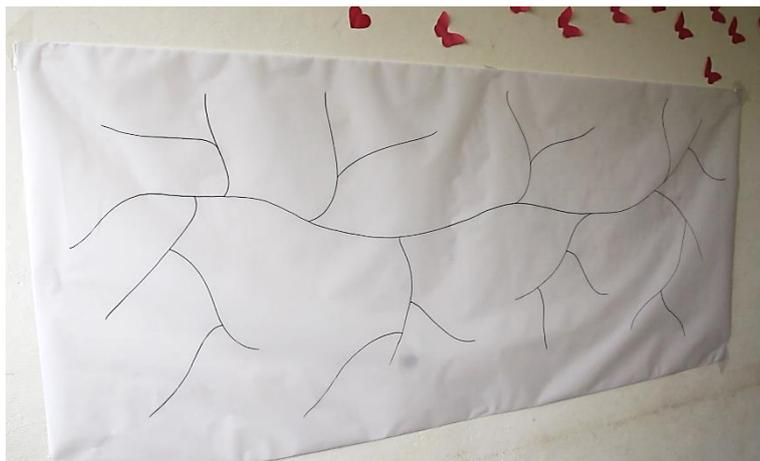
Em seguida, foram incitados a pensar em alguma palavra da canção que os remetesse à infância e juventude ou em algo que lembrasse ao ouvir as canções relacionadas com a palavra por eles escolhida.

Os idosos foram convidados a montar um painel, brevemente exposto por nós (vide imagens 7 e 8). Ao montar um painel com figuras, palavras e textos curtos, que os fizeram lembrar-se de vários momentos de sua vida, os idosos ficaram entusiasmados com a oportunidade de voltarem no tempo, registrando momentos marcantes e relembando seu passado.

Na prática sugerida, ao escutarem e vivenciarem as canções de roda e ao manusearem os sinos e instrumentos de percussão (sinos, clavas, caxixis, reco-recos, ovinhos), perceberam que ainda são capazes de socializar todo o aprendizado adquirido na infância e juventude e interagirem no presente, pois em suas épocas as proibições, indagações e inquietudes não eram na maioria das vezes esclarecidas.

Nesse momento, os idosos foram falando um a um o que eles se lembravam de sua infância e juventude e o que os instrumentos o faziam recordar. Uns disseram que se lembravam do Natal por causa dos sinos, outros já falaram da bolacha de Natal, dos cantos, coisas boas, felicidade, mocidade, de ir à missa, do pastor de ovelhas, do pinheirinho de Natal, da hora de dormir que a mãe cantava, da família reunida, do sítio, de ouvir o rádio, das músicas na escola, da roça, da bandinha na escola, do bater das tampas nas panelas, bater uma colher na outra, do pão, café e bolos quentinhos, dos assados para a festa, das crianças brincando de pega-pega e esconde-esconde. Enfim, sempre muita alegria, risos e amigos.

Falar brevemente daquele tempo e conversar sobre aquela época e momentos significativos para cada um foi mais um passo para que eles pudessem adquirir confiança ao serem desafiados a mais uma atividade: procurar figuras em revistas que ativassem memórias de momentos especiais vividos com a família, amigos e trabalho.



Fonte: Da autora

Cada um dos idosos, ao recortar uma figura, comentava brevemente sobre a relação da sua vida com a imagem escolhida. O painel expressava um poema vivo, repleto de histórias, imagens, sons e silêncios com sentidos que talvez até aquele momento estivessem somente na memória deles e que ao som da flauta doce foram ativados em todo o processo: na escolha das imagens, no recorte das figuras e na construção do painel. As músicas tocadas, relacionadas às imagens escolhidas, mobilizaram muitas memórias, trazidas pela narratividade das falas/vidas dos partícipes. Como bem nos lembra Torregrosa (2017, p. 311):

[...] a maneira como narramos nosso mundo não é imexível, está em constante movimento nessa dinâmica entre criação e recriação. [...] a riqueza de inserir a dimensão artística nas pesquisas narrativas abre a outros relatos, a segredos ou a lembranças que emergem em desenhos, em uma performance, em um poema.

Para os idosos, escrever palavras que remetessem à infância e juventude desvelou sentidos e significados, que por meio das histórias trazidas no painel possibilitaram momentos de plena sensibilidade.

Como última mediação dessa oficina, distribuímos sinos musicais e instrumentos de percussão para os idosos, propondo um andamento lento numa pulsação que todos pudessem tocar os seus instrumentos (vide imagens 9, 10 e 11).

Imagens 9, 10 e 11 – Oficina de musicalização – sinos



Fonte: Da autora

Em seguida, incentivamos para todos tocassem os seus instrumentos, cantando várias vezes a melodia e ainda de forma bem lenta para que todos pudessem se sentir capazes de participar. Os idosos que estavam com os sinos foram regidos por mim na música “O Pastorzinho” e tocaram: “dó, ré, mi, fá, fá, fá; dó, ré, dó, ré; ré, ré, dó, sol, fá, mi, mi, mi; dó, ré, mi, fá, fá, fá”. Nesse refrão, embora os sinos melódicos soassem de forma não tão precisa aos meus ouvidos, movimentaram cada participante na atenção, na concentração e no desempenho da habilidade motora, ora adormecida, e no interagir com os demais, sustentados pela sensibilidade de fazer cada qual a sua parte para gerar um resultado no todo. A dinâmica de estarem atentos à minha regência¹⁹ e com alguns elementos básicos da música foi divertida e intensa, e eles se empenharam em fazer o melhor e aproveitar aquele momento (vide imagens 12, 13 e 14).

Imagens 12, 13 e 14 – Oficina de musicalização – instrumentos



¹⁹ Regência é a arte de transmitir a um conjunto instrumental ou vocal o conteúdo rítmico e expressivo de uma obra musical mediante gestos convencionais. O maestro é, portanto, o elo entre o compositor da peça musical e seus executores (os instrumentistas) que compreende o triângulo compositor – regente – músicos (SANTOS, 2017).



Fonte: Da autora

Desse modo, a experiência levou-nos para outra dimensão de tempo que não o cronológico e para lugares que não estávamos habituados a pensar, a visitar e a dialogar, mas de onde brotou o desejo de fazer mais e talvez repetir essa vivência num outro momento.

3.2.3. Terceira oficina: escrevendo sobre os efeitos causados pela música

Na terceira oficina, realizada no dia 23 de novembro de 2016 no CRAS, organizamos outro painel, colado na parede (vide imagem 15). Os idosos foram convidados a buscar figuras relacionadas à música²⁰ (o que eles entendiam de música, suas próprias associações) nas revistas expostas sobre as mesas.

Todos os idosos participaram ativamente do processo; os que tiveram maior dificuldade no ato de recortar e colar foram auxiliados por nós. Eles colaram as figuras no painel; alguns foram mobilizados a escrever ao lado das figuras escolhidas pequenos relatos sobre sua vida (vide imagens 16, 17, 18 e 19).

²⁰ Música é o substantivo feminino que dá nome à arte e técnica de combinar os sons de forma melodiosa e com ritmo, podendo ser transmitida por meio da voz e de instrumentos musicais (MEUS DICIONÁRIOS, 2017).

Imagem 15 – Painel com contribuições



Fonte: Da autora

Os idosos que tocaram os sinos na prática anterior falaram da lembrança do Natal, por associarem os sinos musicais ao sino de Natal. Assim, encontraram figuras de pratos assados e banquetes, relacionando-as à ceia de Natal. A maioria dos idosos buscou figuras de famílias, preferencialmente alegres e felizes. Talvez, para muitos deles, a falta de uma família no seu cotidiano sugerisse tal ideia.

Algumas histórias escritas os remeteram ao passado. Percebemos isso em algumas narrativas: “Lembro-me de meus filhos quando eram pequenos e ficavam ao redor da mesa comendo”, dizia dona Maria.

– “Na época de Natal, eu fazia bolacha com minha mãe e depois fazia para meus filhos. Enfeitava a casa com pinheirinho, bolinhas coloridas de vidro, guirlandas, usava festão, algodão no pinheirinho, minha mãe dizia que era neve. Imagina, no Brasil nem nevava. Não sabia por que tinha que colocar aquele algodão, mas colocava para agradar minha mãe” (risos).

Observamos que os idosos procuravam figuras que os reportassem a momentos significativos de sua vida e, talvez por isso, inesquecíveis. As músicas tocadas faziam referência a outras épocas de sua vida, e logo as memórias afetivas ganhavam força, reiteradas pelas imagens e narrativas. Ao tocar os instrumentos de percussão, os sinos e o canto, articulados aos movimentos corporais, a música “Xote das Meninas”, de Luiz Gonzaga (1912-1989) e Zé Dantas (1921-1962), acompanhada por eles num grande refrão e com a minha regência, provocou um misto de emoções, autoconfiança, afetamentos e experiências sensíveis – sensibilidades. Eles ficaram

eufóricos e demonstraram imensa alegria, cantando, falando, gesticulando e repetindo o refrão, com grande animosidade.

Ao final da oficina, oportunizamos um momento para voltar às músicas tocadas e pensar no sentido que elas trouxeram para cada um deles. Nesse instante refletimos juntos sobre a influência e importância das músicas no cotidiano de cada um. As emoções foram tomando proporções significativas, demonstrando alegria, tristeza, euforia, saudades, frustrações, decepções ou simplesmente um momento de apreciação.

Percebemos que as práticas educativas em musicalização mediadas por oficinas proporcionaram experiências sensíveis, tendo as artes como ponto central para que os idosos pudessem se expressar, entendendo que a vida tem seus momentos potenciais, muitas vezes indescritíveis e subjetivos. Os acontecimentos revelam trajetos afetivos, permeados pelo ato educativo e imagético. Portanto, não somente narramos o que nos aconteceu, como também imaginamos o que poderia ter acontecido, o que gostaríamos de proporcionar e como imaginamos os espaços educativos e suas relações (MARTINS; TOURINHO; SOUZA, 2017).

Como pesquisadora/artista/professora/cartógrafa eu notei que provocar desafios e aprendizados para os idosos pode transformar-se em experiência sensível. E é em busca desse processo que prossegui com minha pesquisa/dissertação, com a inquietude de levar a arte à terceira idade.

Imagens 16, 17, 18 e 19 – Construindo o painel – compartilhando histórias/vidas





Fonte: Da autora

A pesquisa narrativo-artística desenvolve aqui sua força como um espaço de portas abertas em que podemos recriar nossa cotidianidade, que nos convida a repensar as situações vividas, redesenhando nossos encontros à procura do outro numa ação de interatividade. “É uma maneira de nos reposicionarmos no tempo e no espaço, a partir do nosso sentir e nossos imaginários, que confluem em nossos relatos

e manifestações artísticas, oferecendo os contornos da educação” (TORREGROSA, 2017, p. 312).

3.3. Desvelando narrativas: a entrevista como ponto de intersecção

Os fios laçados no tempo, o tecer da mediação, os músicos/professores no espaço musical como tecelões medianeiros, a obra como tecelã de diálogos (música), tudo está envolvido para que essa mediação faça sentido.

O relato de uma entrevista/pesquisa torna-se a escuta da voz de outros educadores; aqui é estabelecida a mediação provocada, que são os objetos propositores. Esses objetos incluem a interatividade, o lúdico e o jogo que foram compartilhados, promovendo a curiosidade na aprendizagem e o convite para a recriação e ressignificação da vida, tendo o professor/mediador como escavador de sentidos (MARTINS; PICOSQUE, 2012).

3.3.1. Senhor Antônio, Dona Rosilda e Dona Judith: o que pensam e dizem?

Dona Rosilda foi a primeira a ser entrevistada e respondeu pacientemente às questões propostas por mim, como qual tinha sido o contato dela com a música na infância e na sua vida até então. Narrou emocionada que no passado ouvia muita música pelo rádio e na igreja. Percebi, desde o início do convívio com a dona Rosilda, que ela gosta muito de cantar e que as músicas ouvidas e apreciadas em seu cotidiano construíram esse gosto musical. Ao ser questionada sobre a influência da música desde a sua infância, ela me conta que seu avô era músico e que era ele quem tocava e animava as festas de casamentos, dos bailes e das rodas de conversa. Disse ainda que desde criança o observava tocando e acompanhando a banda. Não era um profissional, mas tocava junto com seus tios e sua mãe.

Dona Rosilda já nasceu no meio da música. Sua mãe lhe contava que, desde que ela aprendeu a falar, ao mesmo tempo cantava. E cantava o tempo todo,

esbanjando alegria em casa, na igreja. Mais tarde, ela foi designada para escolher os cantos da liturgia, o que lhe deixou muito orgulhosa, dizendo que o seu meio cultural a influenciou a gostar de ouvir música e cantar.

Em sua narrativa, disse que sua mãe faleceu quando tinha apenas 12 anos. Iniciou seus estudos aos 9 anos, mas aos 11 saiu da escola, porque seu pai casou novamente e teve mais filhos, e ela foi incumbida de várias tarefas de casa, entre elas cuidar de seus novos irmãos (vide imagem 20).

Imagem 20 – Senhor Antônio, Dona Rosilda e Dona Judith, da esquerda para a direita



Fonte: Da autora

Mais tarde casou-se, em seguida teve seus filhos, o que mais uma vez adiou o seu sonho de regressar à escola. Só bem mais tarde, por volta de seus 54 anos, ela voltou à escola, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a certeza de que seus filhos já crescidos foram bem-criados.

Na escola conheceu um professor que tocava violão, identificou-se com ele e juntos tocavam e cantavam para os demais alunos da sala. Nesse período, o encantamento pela música foi potencializado, e dona Rosilda, mobilizada pelo professor e pelo amor à música, começou algo que lhe dava muito prazer – compor letras e melodias para algumas canções.

Confessou que atualmente já não canta muito, mas para ela a música ainda é tudo. No momento prefere músicas religiosas. Dona Rosilda criticou algumas músicas da atualidade, especialmente as que trazem letras mundanas. Falou ainda que não canta mais na igreja por algumas limitações de locomoção, mas que o chuveiro ouve todas as suas canções. Relatou que nunca aprendeu a tocar instrumentos e que tirava tudo de ouvido! “Eu ouvia o instrumento e conseguia tocar só assim”. Solicitamos a

autorização da dona Rosilda para socializar, por meio desta pesquisa/dissertação, algumas das letras criadas por ela.

*Com a graça de Deus chegamos aqui
Alegre e feliz para se divertir
Contando a história com animação
A nossa amizade é de coração
Eu sofri bastante quando era criança
Mas sempre cantando com muita esperança
Perdi minha mãe, minha santa querida
Por isso, que eu sofri tanto na vida
Mas deixa para lá, isso tudo passou
O que importa é quem hoje eu sou
Eu tenho família, que é tudo para mim
E muita amizade, sou feliz assim
Agora no CRAS, então, nem se fala
Que gente querida que tem nessa sala
É muito querida a Ana Cristina
Com muito carinho ela nos ensina
Agora encerrando esses versos que fiz
A todos desejo que sejam felizes
Nós sempre reunidos foi muito legal
A todos desejo um Feliz Natal!²¹*

Pergunto se há melodia, ela me responde que ainda não. Por enquanto só letra. Assim, ela compartilha outra de suas composições:

*Chega aqui mais perto e cante comigo
Que eu estou contigo no mesmo caminho
Chegamos aqui para se alegrar
E vamos cantar com muito carinho
Cante comigo com satisfação
O meu coração está muito contente
O sonho que eu tinha já realizei
Porque hoje entrei na aula novamente*

²¹ Composição de dona Rosilda.

*Quem não estudou aproveite agora
Pois chegou a hora, vem aproveitar
Não diga "estou velho, não tenho vontade"
Pois não tem idade para estudar
Acredite em mim e entre numa sala
E veja na aula a turma sorrir
Sempre estudando como um bom exemplo
E ao mesmo tempo estão se divertindo
Nutrindo a alegria a todo segundo
Quase todo mundo está muito animado
Pois sorri para o amor, para animar
Eu fui ao Paraná alfabetizado.²²*

Entrevistei também o senhor Antônio (esposo da dona Rosilda), que iniciou a nossa conversa dizendo que gosta de escutar as músicas mais antigas, gauchescas, sertanejas. Comentou que as escutava na Rádio Nacional de São Paulo, lembrando que, além de ouvi-las, cantava na escola. Os professores incentivavam para que os alunos cantassem na semana da Pátria o Hino Nacional, o Hino à Bandeira. Ele relatou que gostava de assistir ao desfile de 7 de setembro e que foi muito incentivado a cantar na escola. Até hoje na semana da Pátria ele assiste aos desfiles e gosta de ver o hasteamento da bandeira e os soldados cantando o Hino Nacional. Essa prática o faz lembrar de sua época na escola, pois ele gostava muito de cantar essas músicas. Completou dizendo que na escola eles desfilavam e marchavam todos os anos, prática que ele apreciava muito.

Compartilhou sua vida dizendo que tem cinco filhos; dos cinco, três tocam e cantam em casa e uma vez por mês tocam e cantam na igreja também. Os outros dois filhos não se identificam muito com a música, eles preferem o silêncio, desabafa.

Prosseguindo nossa conversa, falou que um dos filhos toca violão e teclado. Lembrou que, quando seu filho tinha uns 8 anos, cantava uma música chamada "Se eu tiver duas camisas"²³ de forma bem afinada.

No aniversário de 14 anos, o senhor Antônio comprou um violão de presente para esse filho e, desde então, nas festinhas de aniversário, na Igreja Católica, o filho

²² Composição de dona Rosilda.

²³ Música dos compositores Milton Rodrigues e Waldemar de Freitas Assunção, interpretada pela dupla sertaneja Milionário e José Rico (ano desconhecido).

continua tocando muito. Seu Antônio comenta: “A música está no sangue”. Mais uma vez, reforçou que gosta de música, elogiando os filhos.

Prossegue dizendo que deu oportunidade aos filhos e desde pequenos os influenciou no desejo de tocar, cantar. Disse ainda que o mesmo aconteceu com ele, pois seus pais sempre o incentivaram. “A música distancia nossos filhos do mau caminho”. Mesmo que escolham outra profissão e percorram outros caminhos, a música sempre será um meio de prazer e aprendizado.

O senhor Antônio continuou lembrando sua história, das músicas da sua época. Suas preferidas são as sertanejas.

Cita muitas duplas (Tonico e Tinoco, Jacó e Jacozinho, Zico e Zeca, Liu e Léo, Moreno e Moreninha) e comenta que escutava o programa na Rádio Nacional de São Paulo, às vezes deixava o sono de lado e ficava escutando as músicas deles.

A música gauchesca também o atrai e acrescenta sua lista de duplas: Teixerinha e Gildo de Freitas, José Mendes, Irmãs Freitas, Irmãs Galvão, Nelson e Janete.

Nesse momento comenta que, procurando na internet, poderia encontrar esses cantores. Ele confirma dizendo que o filho procura na internet e acha as músicas de que ele gosta, coloca num *pendrive* ou CD e ele pode ouvir em casa.

Seu Antônio diz que hoje tais artistas estão meio esquecidos e que em casa ele e dona Rosilda ainda cantam essas músicas. Confessa que não é bom de melodia e ritmo, mas que eles cantavam e cantam ainda. Prossegue dizendo que os filhos também gostam de ouvir e cantar, porque viu os pais cantando e aprenderam a gostar de música desde pequenos. Lembra-se de mais cantores e duplas: Lourenço e Lourival, Abel e Caim, Filhos do Rio Grande, dizendo que eles são de Lages. Acrescenta mais uma vez que na internet consegue baixar as músicas.

Eu faço uma observação dizendo que ele possui um acervo, pois as pessoas atualmente não conhecem tais artistas nem os nomes, e a importância de passar para os filhos o gosto em escutar música demonstra uma grande sensibilidade por parte desses pais.

Mais nomes são citados, Zilo e Zalo, Zé Tapera e Teodoro. Ao comentar com ele que o seu Portela era o Zé Tapera, o senhor Antônio ficou admirado, pois não sabia que em seu meio havia uma pessoa que fora famosa.

O senhor Antônio relembra que num passeio que fizera, lá para lá de Guaramirim, numa roda de viola, o seu Portela comentou que tocava, porém não dissera que era da dupla.

Enfim, relembro que na expedição que o grupo fez ao Conservatório Belas Artes, ocasião em que os professores tocaram para os idosos, o senhor Portela comentou que foi um dos cantores da dupla Zé Tapera e Teodoro. O senhor Antônio relembra que o senhor Portela compartilhou que depois de um acidente de carro ficou debilitado com sua saúde e seus movimentos ficaram comprometidos. Ainda acrescenta que Teodoro continua com outra dupla, o Sampaio.

Assim, continuamos esse diálogo tão rico e retornamos com a dona Rosilda perguntando se o casal gostava de dançar, ela responde que não dançaram muito. Dona Rosilda repete parte de sua história, falando que eram sete irmãos e que ela ficava em casa para cuidar deles. Ela quase não saía de casa. Seu pai casou-se de novo, aí sua madrasta teve outros filhos. Depois dona Rosilda se casou, teve seus filhos e ela ficou em casa para cuidar deles. Então ela dançou pouco. Gostava mais de cantar e cantava sozinha e dançava pouco. Senhor Antônio também dançou bem pouco. No interior havia pouca diversão, então dançaram pouco.

Mesmo na velhice, as barreiras e dificuldades passadas não são impedimentos à atividade artística. Ao contrário, se forem ativadas suas capacidades expressivas, a sensibilidade e a intuição, há mudanças em sua visão de vida, orientando-os em seus interesses e aspirações, propondo novas formas de participação social.

Prossigui a trajetória com a entrevista da dona Judith, uma senhora de 70 anos. Em sua narrativa disse que somente aos 12 anos começou a frequentar a escola, pois aprendeu a trabalhar com terra desde cedo, plantando e colhendo. Na roça praticamente só trabalhava, seja na roça ou ajudando sua mãe nos afazeres domésticos. “Ficava até tarde para dar conta de todo o serviço”.

Dona Judith tem quatro filhas, 18 netos e três bisnetos. Ao falar das suas filhas, quando pequenas, relembra com saudade que cantava para elas “[...] abre a porta e a janela...”²⁴. Hoje prefere cantar hinos. No entanto ainda se lembra de algumas letras de sua juventude, tais como:

²⁴ Trecho da música intitulada “Cana Verde”, composta e interpretada pela dupla sertaneja Tonico e Tinoco (ano desconhecido).

*Ela só quer namorar e cantava versos, menino da calça azul
Da camisa azul-marinho, agradeça a tua mãe, que criou você pra mim.
Dei a volta na colônia, pensou que eu ia chorar,
Dei a volta na colônia, ponhei outra no lugar.
Meu amor me deu um fora, pensou que eu ia chorar,
Deu a volta na colônia, ponhei outra no lugar.
Eu tinha um vestido de vinte e cinco babados
E cada vez que eu vestia ele,
Vinte e cinco namorados.²⁵*

Nesse momento, demos muitas risadas! Ao perguntar para dona Judith sobre as músicas que ela conheceria, ela responde apenas trechos de algumas letras: “Meu namorado, ele não tinha dinheiro. O rapaz quer casar, mas não tem dinheiro [risos]. O meu namorado não tem coragem, lá na garagem tinha um carro, mas o namorado não tinha coragem de trabalhar. A gente brincava de roda à noite. Cada um mais bonito que o outro”.

Que música de roda a senhora cantava? Lembra-se de alguma? “Música sertaneja”, responde dona Judith. Que música, pergunto-lhe. “Abre a porta e a janela / E venha ver quem é, dotô / Sou aquele desprezado que você me desprezou...”. Depois de cantar ela responde: “Aquela época tinha música bonita, sertaneja: Zé Tapera, a música do Tônico e Tinoco”.

A senhora cantava então? A senhora disse que não cantava, mas foi recordando, não é? Dona Judith canta um pouco de Tônico e Tinoco:

*Baile na roça, meu bem começa assim.
Pego na cintura dela e ela pega em mim.
A dama punha o chapéu
Amarrava o lenço na cintura e
Dançávamos nos bailes.²⁶*

Tem saudades dessa época? Pelo jeito a senhora dançava bastante, não é? Ela responde: “Tenho saudades dos bailes na roça. Meu pai não deixava sair muito.

²⁵ Lembrança de dona Judith.

²⁶ Rememoração de dona Judith da música original intitulada “Baile na Roça”, de interpretação e composição da dupla sertaneja Tônico e Tinoco (ano 1982).

Quando vinha um casal de velhinhos, eu acompanhava, ficava até tarde. Agora aquele barulhão, agora eu sofro de labirintite. Não posso mais dançar [risos]”.

A pesquisa torna a enlaçar-se com o prazer, o lúdico, a sedução, a aventura, o segredo e se compreende em uma dimensão mais holística. A pesquisa narrativo-artística aparece nesse movimento em uma dimensão intensa dos estudos, transportando-os para outros processos de estudos que unem em harmonia a prática, a teoria, o olhar sensível e a razão. Propõe pistas alternativas de indagar, tornando a compreender o método como caminho que nos convida à deriva do descobrimento do que nos rodeia neste mundo.

É a experiência, é a vivência, é o compartilhamento, é a participação, ação afirmativa na cultura. A mediação pode ser empregada como fator de aproximação. Quando queremos estabelecer canal entre a obra e o público, precisamos apresentar a obra em sua perfeição.

Ora, mediação não pode incorrer na simplificação do processo que se estabelece entre público e obra, não pode pretender reduzir a complexidade do trabalho que está sendo apresentado. Ela tem de garantir que a obra seja apresentada em toda a sua plenitude, fruída da melhor maneira possível (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 135).

A presente dissertação/pesquisa empenhou-se em articular a musicalização no contexto da terceira idade, proporcionando experiências sensíveis, especialmente ao tratar das memórias ativadas durante o processo.

No quarto movimento, item que segue, destacarei alguns dos aspectos que me marcaram nesta trajetória de pesquisa e que também deixaram rastros de sensibilidade no grupo de idosos. Posso dizer que fui afetada pelas experiências vividas com a pesquisa, a cada instante, a cada escrita, a cada música percebo que não sou mais a mesma; os movimentos de pesquisa/vida apontaram outros caminhos, outros dizeres e outros sentires sobre mim, sobre essa canção/vida.

Xote das Meninas

Luiz Gonzaga

Musical score for Soprano, Alto, Tenor, and Bass. The score is in 2/4 time and G major. The Soprano part starts with a dynamic marking of *f*. The Alto and Tenor parts start with a dynamic marking of *mp*. The Bass part is in the bass clef.

Musical score for Soprano, Alto, Tenor, and Bass. The score is in 2/4 time and G major. The Soprano part starts with a dynamic marking of *f*. The Alto and Tenor parts start with a dynamic marking of *mp*. The Bass part is in the bass clef.

Xote das meninas – partitura

Fonte: Da autora

4.º MOVIMENTO – NO COMPASSO DAS PISTAS CARTOGRÁFICAS

Num ritornelo, que na música significa uma breve passagem recorrente, quando num trecho musical devo voltar e repetir, trago Deleuze e Guattari (2012b), com a palavra ritornelo, reinventando novas possibilidades de vida, e partir daquilo que arduamente se repete. Após o processo da visita/expedição, da roda de conversa, das oficinas e das entrevistas, descobri histórias e percorri espaços outros, interagindo com todos no decorrer do processo; percebi com mais profundidade a necessidade de ter um olhar mais sensível no meu cotidiano para com o idoso e melhorar a minha compreensão para com eles.

Ao retornar aos lugares (em memória), às músicas, à infância e à juventude deles, os desafiei com minha inquietude e os convidei a viajar pelos sonhos, muitos ainda não realizados. Esta pesquisa, que finda por hora em uma produção acadêmica dissertativa, entou em fazer-viver tudo de novo, de modo criativo.

Neste quarto movimento retomo o objetivo desta dissertação que estava acordado em analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade.... Reescrevo-o: *está em perceber e dar voz aos efeitos (e aos afetamentos) que foram provocados pelas práticas educativas envolvendo a musicalização com idosos, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.* Dar língua, dar voz a esses afetos foi a minha maior preocupação como pesquisadora/cartógrafa.

A vida nos ensina diariamente mediante as experiências e os sentires. Por meio da experiência é possível, como dizem Deleuze e Guattari (2012a), improvisar continuamente novos modos de existência. Ainda Deleuze e Guattari (2012a) nos provocam ao afirmarem que é preciso fazer rizoma, e não raiz! “Não semeiem, piquem. Façam linhas e nunca pontos. Vão, façam! ”.

Talvez os autores dissessem: vão, experimentem, experienciem.... Afetem-se, aprendam.... Afetem-se, descubram.... Afetem-se, vivam. Esse é um caminho?

Aqui, neste quarto movimento, utilizo da fala em primeira pessoa do singular para compartilhar minhas percepções individuais como pesquisadora/cartógrafa. Não posso, neste último movimento, falar pelos colegas e como foram suas experiências

com os idosos e o que lhes foi particular. Confesso que fui contaminada durante o caminho que trilhamos lado a lado.

A prática educativa em musicalização propôs provocar o desejo de participar, de experimentar, de ser contaminado, de estar envolvido – incorporado. As práticas propuseram, de certa forma, sair de uma condição estável para uma condição, a priori, desconfortável, tanto física quanto afetiva e intelectual. Talvez seja por isso que ouvimos tantos “eu nunca vi isso”, “eu nunca fiz isso”, “eu nunca pensei nisso”, “eu nunca senti isso”. Será que os sentidos estavam adormecidos?

Provocamo-nos envolvendo a música, os aromas, as artes visuais, as entrevistas, e também o contato, a atenção, o carinho.... Buscamos o que Deleuze e Guattari (2012a) chamam de desterritorialização.

Usamos do método da cartografia para perceber um ritmo individual (e nunca a medida) de como acontecem os processos pelos quais os idosos estão imersos em seu cotidiano, como e quais são esses passados que estão inscritos em seus corpos e suas memórias.

Para tal artimanha acadêmica, a linguagem/expressão da música fez-se necessária como ativador e plano de flutuação para que conexões pudessem ser estabelecidas. Logo percebemos a fragilidade de um passado por tempos esquecido e um presente-passado, algo que escapava constantemente pelo desgaste natural do corpo/homem no tempo (idade avançava). Algo que teimava em nos confundir – confesso.

Na visita/expedição, na oficina de aromas e sons, na oficina de artes visuais e nas entrevistas, os idosos foram convidados a participar das atividades, das quais para eles não era um território conhecido. É nesse sentido que digo que por vezes a pesquisa propôs sair de uma condição estável para uma situação, a priori, desconfortável. O que não significa que foi algo ruim, até pelo contrário.

Percebemos nos idosos que, ao se expor em grupo, ao forçar o pensamento, ao buscar as lembranças, ao chorar por relembrar, ao escutar o outro, ao esperar a atividade quando está acontecendo no tempo do outro (atividades no coletivo), algo de saudável, de verdadeiro nos atravessava ou simplesmente pairava no ar.

Como avaliar esses processos de desterritorialização é minha função de cartógrafa e percebi, junto de outros colegas pesquisadores, que esta participação

ativa, ou simplesmente a ação de se permitir fazer, foi um desses processos que destaco neste último movimento.

Entendo que a participação ativa e momentânea, não é uma prática contínua ou comum para os idosos, estamos acostumados com os jovens se arriscando em coisas novas ou diferentes. Propor a um grupo de pessoas a possibilidade de recriar, de mergulhar, de tentar (errar ou acertar), de desvendar os mistérios de sua própria lembrança foi o risco que escolhemos. Escolhemos o caminho/movimento desta participação espontânea.

Supõe-se que o idoso possui muitas experiências, muitas referências, teve muitos contatos, muitos afetamentos e muitas vivências de outras épocas. Épocas impossíveis de serem resgatadas, o que cabe a nós apenas reconstruir.

Logo, a participação espontânea, também está no sentido trazido por Deleuze e Guattari (2012a): nós, humanos, estamos sempre em territórios de sentidos e, ao passo que as coisas acontecem, dançamos num ritmo sempre diferente, nunca estável por completo. De tempos em tempos, conforme vivemos, estabelecemos ou criamos sentidos diferentes para mesmas coisas, aparentemente. Portanto, o mesmo não é mais o mesmo. Estamos, inevitavelmente, criando sempre outros territórios de sentidos para a vida, o viver.

A prática educativa em musicalização consistiu no aprendizado e na troca de experiências com os idosos, de modo a incentivá-los a serem criativos e reinventar seu cotidiano.

Os idosos foram provocados a imergir em um universo sonoro/musical e descobrirem, ora juntos, ora solitários, suas próprias energias e prazeres. Por vezes o movimento corporal fora despertado, por vezes o canto, por vezes a memória, ao lembrarem uma música preferida ou de momentos do passado, este adormecido pelas circunstâncias da vida.

4.1. A história/vida ao canto/voz dos idosos

Uma das idosas compartilhou uma história: “Eu ia para a escola num caminhão de tora. Às vezes eu estava numa ameixeira, comendo deliciosas ameixas e, ao

passar um avião sobre a minha cabeça, eu achava que o mundo ia acabar e pedia para minha mãe me tirar de cima da árvore, onde eu ficava enroscada pela saia [risos] [...] Agora tenho 71 anos, tive filhos gêmeos com 43 anos”.

A experiência realizada em musicalização convidou-os a recordar do passado (fazer conexões), e esse processo promoveu um retorno às suas memórias enquanto aprendizagens da vida. Muitas dessas memórias foram musicais, ou muitas dessas memórias se perdiam entre estrofes que marcaram um momento passado.

As vivências na expedição, nas oficinas, nas rodas de conversa e na entrevista os transportaram por alguns instantes àquele tempo de descobrimentos, inquietações, expectativas, ousadias, sonhos. Como num ritornelo, eles buscaram no tempo, no espaço e nas músicas sons e lugares outros, agora com olhares e pensares no seu cotidiano atual.

Mais amadurecidos a respeito da vida, os idosos não deixavam de se comparar com seus descendentes de maneira saudosista, uma tendência fundada na valorização demasiada do passado – algo que percebi muitas vezes na fala dos idosos. “Hoje em dia, as crianças escolhem os presentes, comem doces todos os dias, mas antigamente eu ganhava uma bonequinha cor de rosa e ficava feliz que ia comer doce no Natal ou na Páscoa. Hoje, o encanto da surpresa se acabou. Não tem graça” (fala de uma idosa).

Por que o saudosismo e as comparações com o hoje lhe afetam? O que (o hoje) nos falta? O que havia no passado que não há no agora? Percepções me invadem... Incomodam-me. Entendo que comparamos tudo que há para valorar o que temos e somos, tínhamos e éramos. O que queremos para nós e o que somos? Com os idosos, essa preocupação valorativa, comparativa fica muito mais evidente. Como se estivéssemos no fim de um processo que, disfarçadamente, dificulta um pensar no futuro. Como se o que resta é olhar para trás e ver como tudo aconteceu.... Percebo que a palavra, o conceito, o significado da morte existe, entre estas linhas que escrevo agora, como uma consequência inevitável e, por isso mesmo, impossível de gerar frutos para uma educação pensada para idosos. É nesse ponto que discordo.

A educação pelo olhar sensível, a arte/educação, pode ensinar muito por meio do afeto, por meio das linguagens/expressões das artes, como a música. Acredito num despertar histórico, cognitivo, afetivo, inventivo para pessoas na terceira e última idade, e nesse entendimento continuo minhas pesquisas.

Busquei em Meira e Pillotto (2010) aconchego para falar de afeto, experiência e os efeitos percebidos nessa trama envolvendo a educação para idosos por meio da musicalização. Meira e Pillotto (2010) me dizem para destacar, destacar tudo o que nós (humanos) achamos necessário refletir. Nesse sentido, meu próximo destaque está em “[...] rever a paixão que nos fez escolher ser educador, é questionar o que o afeto tem a ver com a criação de nossa prática como professor” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 11).

O professor, bem como o artista, é ao mesmo tempo mostrador e provocador de afeto, de afetividades. Como uma energia de fonte puramente humana, o afeto torna-se “[...] um mapa sensível do que acontece em aula, com o que chega e sai dela, transmutado em valor para vida pessoal e social” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 11) de todos os envolvidos com e nele, o afeto.

Segundo Meira e Pillotto (2010, p. 11), “[...] numa fração de tempo/afetivo”, o universo que está contido numa sala de aula, o tempo, o espaço e o corpo são pontuados entre a educação e as artes. Arriscamos dizer que o afeto poderia parar o tempo, pois esse tempo/afetivo se mostra diferente do tempo que nos escorre pelos dedos, o tempo pelo tempo. Assim, como mágica ou ilusão, o tempo/afetivo solicita “[...] deixar-se afetar por uma estética, uma ética e uma política” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 11); sem que alguém perceba, ele o faz e nos envolve.

Parar o tempo e viver momentos de qualidade com pessoas de gerações que nunca poderemos resgatar.... Transmutar ideias, histórias, percepções, contos, fatos, afetos que ficarão e serão eternos. É desse lugar que lhes falo por meio da presente pesquisa/dissertação.

Pensar no afeto, de acordo com Meira e Pillotto (2010), é um dos modos de se pensar a educação, contornando as relações e tudo o que corresponde. Nesse tenso, porém não desgostoso, falar de educação e falar de educação para idosos, Meira e Pillotto (2010, p. 12) destacam o gesto, o gesto criador, a carícia “[...] tão indispensável para as transas amorosas, sejam elas sexuais, de amizade ou de relação pedagógica”. Pois educação é social, relacional, prenunciativa, mediadora. Educação é se relacionar com o mundo, o outro e consigo mesmo. E isso é tenso, mais tenso ainda quando envolve idosos. Pessoas de corpos com o desgaste do tempo, corpos por vezes esquecidos, adormecidos, marcados.

Meu segundo destaque faz um caminho/movimento inverso, para atuar naquele que atuará com o idoso, o professor e o educador social. Estes são para mim mestres e maestros de sujeitos do tempo e suas musicalidades. Nesse âmbito, Meira e Pillotto (2010) discorrem que na relação educação e arte “há afecções mútuas para potencializar uma ação comum na formação de pessoas”, ou seja, o processo de educar com e pela arte forma/compõe/constrói uma ferramenta poderosa (potencial), para ensinar sobre qualquer área do conhecimento e, principalmente, sobre o desafio que é o nosso viver.

Esse constructo, esse conhecer para além de filosófico, convida o professor e o educador social a pensar e a “[...] aprender sobre como ser professor” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 13) e amplia: *como ser professor para idosos?* Esse exercício afetivo/reflexivo de rever e rememorar práticas pode resultar no desencantamento pelo ser professor, por uma educação inclusiva, ou, segundo Meira e Pillotto (2010, p. 13), pode “[...] dar a virada criativa para transmutar dor em prazer”. Transmutar o tenso conceito da morte em vitória, ou de um nascer para o mundo que continua e precisa de nossos idosos.

Por meio desta pesquisa tive o privilégio de sofrer algumas transformações – vou colocar dessa forma. Repensei sobre o meu eu e minhas próprias experiências, posso dizer que já não sou a mesma Hilda de antes. Também compartilho uma experiência como filha, filha de pais muito idosos. Acredito ser indispensável contar o que me aconteceu no Natal de 2016, quando voltei à casa de meus pais.

4.2. Uma experiência como filha – volta ao lar

No mês de dezembro de 2016, tive a oportunidade de conviver com minha mãe, uma senhora de 75 anos que cuida do lar, e com meu pai de 81 anos, um mecânico de veículos automotores, aposentado, agora cultivador de flores e com uma horta impecável. Após ter casado e ido morar em outra cidade, depois de 30 anos, pude voltar e conviver por quase um mês com meus pais. Minha mãe teria de se submeter a uma mastectomia, e sua cirurgia estava marcada para o dia 13 de dezembro. Assim,

mesmo eu não estando de férias ainda, organizei-me para que pudesse acompanhá-la.

Nos dias em que pude passar com ela, foram necessários muitos cuidados físicos, emocionais e mentais. Pude reaprender a me adaptar aos meus pais e experienciar o trato com eles, agora idosos, de maneira muito próxima.

No dia a dia, na convivência pós-cirúrgica, fazer curativos, dar banho, preparar uma refeição deliciosa, adequada ao paladar de uma convalescente, ou mesmo da dificuldade da mastigação ou no uso de recursos como próteses dentárias do meu pai. Todas essas ações foram exercícios para que eu pudesse conhecer melhor e de perto a relação com os idosos e reconhecer as dificuldades pelas quais cada um de nós passará quando àquela fase chegarmos.

A surdez avançada pela idade e pelo trabalho que meu pai desenvolvera na sua profissão me sensibilizou a aprender como lidar e ser paciente no falar. No trato, a lentidão para andar, para comer ou para qualquer outra ação que venham a fazer exigiu-me um esforço físico e mental, tanto para mim quanto para eles. Ainda percebi que, se eu falar mais pausadamente, articulando bem as palavras, num tom audível a eles, sem soar como uma irritação ou aborrecimento, ajuda no entendimento das conversas e no momento de colocá-los a par acerca da vida atual. Mas sempre com muita generosidade, paciência e amorosidade.

A teimosia e algumas manifestações de carência afetiva se tornam evidentes, próprias da idade, desde a forma de como arrumar os tapetes da sala, colocar o vaso nos seus lugares ou mesmo guardar as louças. Tarefas essas tão prazerosas de minha mãe, que, naquele momento, estava impedida de fazê-las em virtude de sua cirurgia.

Com essa experiência pude perceber que sentar ao seu lado, conversar, trazer o lanche da tarde com uma bandeja arrumada, com suas toalhinhas de crochê, usar seus utensílios de porcelanas guardados para as visitas, oferecer um chá ou suco gelado, uma fatia de bolo, um pãozinho com patê eram momentos de grande significado e prazer, os quais contribuíram para seu restabelecimento com mais rapidez. Receber as refeições na bandeja ou mesmo sentar-se à mesa com uma refeição preparada especialmente para ela era um momento muito esperado. A surpresa do cardápio preparado pela filha que não fosse feito por ela, tantos anos nessa função de cozinheira da família, receber as visitas das amigas e poder

conversar sobre a vida e todo o processo pré e pós-cirúrgico ao qual tinha se submetido e o fato de ela ser bem cuidada e estar livre da doença, todos esses cuidados a deixou animada e bem-disposta. Ainda pude apresentar minhas flautas doces e tocar algumas canções japonesas e outros repertórios mais.

Meu pai cultivava flores e também tem uma horta da qual, eu como filha, me orgulho muito. Sempre que há flores que possa colher, ele as leva para dentro de casa presenteando minha mãe. Esse carinho demonstrado a ela foi mais um momento que pude presenciar e que me fez pensar em sua trajetória de vida, em que já comemoraram suas Bodas de Ouro.

Logo, eu já estava pesquisando sobre a educação e sobre a musicalização para idosos naquele fim de ano quando estive com meus pais. Confesso que estar com eles foi um despertar – um despertar de dar nó em garganta e pesar no peito. Compreendi naquele espaço-tempo da casa antiga, dos horários particulares, dos cheiros, dos barulhos, das músicas e dos afazeres de ambos, dos meus e do lugar onde eu não estava mais uma promessa que a vida nos faz de graça e que chegou ao seu tempo atual – a velhice; e nós a estávamos vivendo.

4.3. A visita/expedição – Conservatório Belas Artes de Joinville

Na visita/expedição, a proposta oferecida aos idosos foi de conhecer, de descobrir, de explorar um território desconhecido pela maioria deles. Eles foram acolhidos e amados, foram cuidados e estiveram à vontade para exprimir os sentimentos, e muitos o fizeram, ao lembrarem das músicas e momentos proporcionados por meio delas. Mas qual foi a finalidade dessa visita/expedição? Contemplação? Viver a música? Musicalizar-se por meio do ensaio que estava sendo realizado no Conservatório naquele dia? Respondo: tudo isso e algo a mais.... Proporcionar felicidade, cidadania e qualidade de vida.

Esta pesquisa/dissertação acredita que as linguagens/expressões da arte são um direito de qualquer cidadão, seja criança, jovem ou adulto, adulto idoso. Eis aqui mais um destaque desta pesquisa: o acesso à arte! “Arte é conhecimento [...] universal, arte é um conjunto de saberes que são imprescindíveis para que o cidadão

possa interligar, experienciar e atuar no mundo” (MARQUES; BRAZIL, 2004, p. 28).

Segundo os autores:

Qualquer pessoa, tendo sua escolarização lhe garantido ou não esse direito, pode vir a reconhecer o quanto do conhecimento, das leituras de mundo, das impressões e expressões da humanidade está registrado pela arte, personificado pela arte, concretizado num trabalho de arte, mobilizado no fazer artístico (MARQUES; BRAZIL, 2014, p. 28).

4.4. O tato, o olfato e o paladar – sentidos aguçados

Outra proposta foi o despertar dos sentidos pelo tato. Os idosos foram convidados a adivinhar os objetos (boneca, carrinho, algodão, prendedor de roupa, fita, bolinha de gude, bolinha de ping pong) contidos numa caixa, revestida com papel de presente. Além de palpitar sobre o que havia dentro da caixa, eles poderiam desenhar o que haviam pensado e o que lhes preparara a sua imaginação. Mas as provocações não paravam assim, os idosos tiveram de sonorizar os objetos imaginados, ou seja, a musicalização estava contida em cada uma das práticas propostas.

Em outra oficina o olfato dos idosos foi colocado à prova; a maioria deles reconheceu cada um dos ingredientes que lhes trouxemos. Isso os alegrava e nos alegrava também. Ouvimos alguns comentários: “Hum, eu ainda me lembro desse aroma [canela, café, hortelã, manjeriço]”, além de um sorriso de olhar brilhante. Também os sabores aguçaram seus paladares. Os idosos experimentaram frutas (banana, maçã, mamão, melão, uva, morango) com os olhos vendados.

Era preciso fazer-saber reconhecer nos idosos que seus corpos ainda estavam ativos, que ainda existiam muitos sentidos em si que passavam despercebidos no cotidiano. Esse processo de reconhecer e reconhecer-se em si foi primordial, principalmente para que o rizoma do tempo pudesse ser reconstruído no sentido em que eu, como pesquisadora/cartógrafa de idosos, quisesse me fazer entender. Pois, conforme Deleuze e Guattari (2012a), um rizoma pode ser rompido ou quebrado em qualquer lugar e também pode ser retomado segundo qualquer linha que se deseje seguir. Minha pesquisa escapou por uma linha de fuga tênue entre percepções de vida e de si próprio. Uma linha de fuga, onde sujeitos de história, vivos, estão inscritos

na história do mundo, mas principalmente estão inscritos em suas histórias e também são escritos de muitos causos de outros sujeitos – formam um rizoma, um mapa de sentidos, impossível de copiar. “Se o mapa se opõe ao decalque [cópia] é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 30).

4.5. A oficina de musicalização

Em outra oficina propus manusear instrumentos de percussão (sinos, caxixis, reco-reco, clavas, ovinhos). Percebi que tudo era novidade, foi como se perguntassem: “Eu posso? ”. E eu respondia: “Sim, por favor, experimente. Nada é proibido”. Percebi que ainda existia certo receio em quebrar, de estragar alguns daqueles instrumentos. Possivelmente algo como “Eu não sei como isso funciona” também.

Então eu os incentivei: “Sigam em frente, experimentem, peguem, toquem, batam. Vocês podem manuseá-los, tateá-los, tocá-los. Descubram, explorem o som de cada instrumento!”.

No processo de descobrimento de sons, pude perceber quais relações a música tinha com a vida de cada um. Em suas narrativas, a maioria lembrava-se do Natal, da família e dos filhos. Relataram que as festas eram regadas de muita comida e muita alegria, contagiando e tomando conta da casa com os preparativos infundáveis e muito esperados durante o ano. Comentou-se que se costumava assar leitão, algumas galinhas, colher frutas e verduras da horta para a ceia – as famílias costumavam ser maiores e os parentes sempre estavam por perto.

Além disso, contou-nos que os vestidos, as camisas e as calças eram confeccionados pela própria mãe, pela avó ou por uma tia. As mulheres arrumavam os belos e longos cabelos, preparavam o banquete da meia-noite, com assados, sobremesas e muitas frutas produzidas no próprio quintal e guardadas para a ocasião tão esperada do ano.

Entre os sons dos instrumentos e as práticas de rememoração, muitas histórias escapavam. As histórias eram validadas no tom de voz, no sorriso, no balançar de

cabeça ou numa expressão facial de agrado, de verdade, de aceitação de outros ali presentes. Os idosos estavam construindo um território de cumplicidade; ao passo em que as práticas aconteciam, passamos de estranhos para espectadores de suas vidas.

Então, escrevemos mais uma vez impulsionados pela musicalidade que produzíamos individual e coletivamente. Escrevíamos um pouco nós, pesquisadores, um pouco os idosos... Escrevemos pequenos trechos das histórias ali compartilhadas, histórias que foram despertadas pelos efeitos daquele momento-contexto. Assim, os idosos, com suas mãos calejadas, escreviam ou colavam, representando por meio das figuras das revistas um sonho, uma expectativa, uma esperança, uma realidade, uma vontade... Ou apenas sobre aquele momento singular. Algo que lhes veio ao pensamento e produziu conexões de sentidos, de efeitos – assim, improvisamos.

Destaco que por meio de cada linguagem artística que conhecemos – nesta pesquisa/dissertação com o foco na música – vivenciamos, fruímos e compreendemos o mundo de formas diferentes, com outros olhares. Uma vez articuladas pelo professor, “[...] as diferentes linguagens artísticas possibilitam diversas leituras de mundo imbricadas entre si e [...] movimentos dialógicos constantes entre pessoas, tempos e espaços” (MARQUES; BRAZIL, 2004, p. 30). Essas diversas leituras, que não se restringem apenas à verbal, possibilitam conhecer, reconhecer, ressignificar e, sobretudo, impregnar de sentidos a vida em sociedade.

4.6. Caminhos possíveis – linhas do tempo

Reflico sobre os caminhos/linhas ou alternativas que a pesquisa em educação, a partir das histórias contadas e por meio das linguagens/expressões das artes, pode nos provocar, introduzindo-nos novamente na aventura do conhecimento...

Falo de tramas e de linhas do tempo constituídas de experiências, de vivências, de modos de viver que, me parece, sempre estão sugerindo processos de busca. Buscas pelo conhecimento, buscas pelo amor, buscas pelo desejo e também pela felicidade.

Percebi que os relatos, as histórias e as escolhas das imagens nas práticas educativas com os idosos remeteram a manifestações artísticas culturais. As escolhas pelas músicas, as lembranças e como aconteceram revelaram um potencial que amplifica as pistas de pesquisa e nos reintegra em uma reflexão coletiva (MARTINS; TOURINHO; SOUZA, 2017). Reflexão como uma bomba que lança seus projéteis para todos os lados possíveis – novamente linhas, escolhas, culturas e caminhos trilhados pelo tempo.

O que pude perceber e aprender de todas essas falas e histórias compartilhadas é que a vida precisa ter (fazer) sentido, ter um significado. Percebi com os idosos que a vida não precisa ser totalmente contagiante, a todo o momento, mas que a vida precisa ter momentos de êxtase, momentos que despertem a sensibilidade e que sejam impossíveis de se esquecer. Descobri que é importante ter histórias para contar e que é importante ter a quem contar.

Percebi que é difícil se autoconhecer ou se reconhecer e, ainda, que estar aberto à mudança de opinião é algo doloroso. Como se algo quebrasse, algo faltasse, e que para continuar vivendo fosse preciso estabelecer conexões novas de tudo o que já se sabia há muitos anos.

A partir da musicalização esta pesquisa/dissertação contribuiu para reativar a memória, trazendo recordações das músicas e letras da época dos idosos participantes. A vivência com os instrumentos, a socialização no CRAS, a expedição numa escola de música trouxe lembranças, histórias do cotidiano que marcaram suas vidas.

A minha história de vida, o idoso, a expedição, as oficinas, os pesquisadores, os partícipes, o Conservatório, o CRAS, o mestrado, as professoras, meus colegas de pesquisa, todos contribuíram como elementos propositores desta pesquisa/dissertação, que muito me afetou para que eu aprendesse a cartografar uma trajetória de movimentos corporais e musicais de maneira positiva, transformadora e reflexiva.

Experiências inquietantes configuraram percepções de um cotidiano marcado pela longa estrada da vida. Experiências inquietantes levam-me à autorreflexão, deslocando afetos, vestígios e lembranças de um lugar para outro. Essa experiência autorreflexiva “[...] apontou um caminho biográfico-narrativo de entendimento da vida,

considerando para isso os aspectos subjetivos presentes em cada imagem e episódio” (MARTINS, TOURINHO, SOUZA, 2017, p. 344).

Na elaboração desta pesquisa/dissertação pude observar que nada está concluído e que o tema musicalização, mobilizando memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade, pode gerar muitas outras pesquisas e questionamentos.

Neste mapa que construí ao longo do processo de musicalização com idosos pude notar que nada é estável no sentido de estabelecer verdades absolutas, principalmente quando falamos da vida e dos sentidos que atribuímos às coisas do mundo. Terminei meu mapa com Deleuze e Guattari (2012a, p. 30), ao dizerem que “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. A pesquisa escapa e desdobra-se em outras pesquisas, que demandam outros sujeitos e outras histórias. Nesse sentido, a presente pesquisa/dissertação poderá ser conectável a muitas outras investigações e contribuir em outras áreas que estejam construindo seus próprios mapas de sentidos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Celia de. **Velhice**: uma nova paisagem. São Paulo: Âncora, 2017.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2 v. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

_____. **Educação dos sentidos e mais...** 9. ed. Campinas: Verus, 2012.

_____. **Pimentas**: para provocar um incêndio, não é preciso fogo... 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

_____. **Se eu pudesse viver minha vida novamente...** São Paulo: Planeta, 2016.

AZAMBUJA, Thais de. **Expressão e criatividade na terceira idade**. In VERAS, Renato (org.). Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UnATI/UERJ, 1995.

BENNET, Roy. **Elementos básicos da música**. Tradução de Maria Teresa R. Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Juliana da Silva; SILVA, Marlene Dierschnabel da; REBELO, Rosana Andrade. **A vida na maturidade**: uma contribuição à educação permanente. Blumenau: Nova Letra, 2003.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **História e missão**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>>. Acesso em: jul. 2016.

_____. Plataforma Sucupira. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourde Menezes. Revisão Técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COPLAND, Aaron. **Como ouvir e entender música**. Tradução de Luiz Paulo Horta. 2. imp. São Paulo: Realizações, 2014.

CRAS – CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/departamento/sas/centros-de-referencia-em-assistencia-social-cras/#competencia>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. *In*: _____. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 2006.

_____. **Logiques des sens**. Paris: Minuit, 1969.

_____; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. 1 v. São Paulo: 34, 2012a. (Coleção TRANS).

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. 4 v. São Paulo: 34, 2012b. (Coleção TRANS).

_____; _____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. 3. ed. São Paulo: 34, 2010.

_____; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DICIONÁRIO GROVE de música. Edição concisa/editado por Stanley Sadie. Tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA da Língua Portuguesa com acordo ortográfico. Porto: Porto, 2003-2017. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 5. ed. Curitiba: Criar, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOLDMAN, Sara Nigri. Velhice e exclusão digital: uma “nova questão social”? *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2007, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2007. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoD/a244f3f018ff723f4c7eSARA%20NIGRI%20GOLDMAN.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. **Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação**. São Paulo: Escrituras, 2006.

IGREJA EVANGÉLICA HOLINESS DE CURITIBA. Disponível em <<http://www.iehc.org.br/a-igreja/atuacao/isseis>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina B. de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan. /abr. 2002.

_____. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

_____. **Tremores:** escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b. (Educação: experiência e sentido).

LIMA, Mariúza Pelloso. **Gerontologia educacional:** uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice. São Paulo: LTr, 2000.

LUZ, Marcelo Caires. **Educação musical na maturidade.** São Paulo: Som, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Giza. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____; _____; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte:** a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa narrativa:** interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

MARQUES, Izabel; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MED, Bohumil. **Teoria da música.** 4. ed. rev. e ampl. Brasília: Musimed, 1996.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação:** a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MEUS DICIONÁRIOS. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/musica>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

MERCADANTE, Elisabeth F. **Velhice:** a identidade estigmatizada. In REVISTA SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE (especial) *Velhice e Envelhecimento*. Ano XXIV, nº75. São Paulo; Cortez, 2003.

MORAGAS, Ricardo Moragas. **Gerontologia Social** – envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

NUPAE – NÚCLEO DE PESQUISA EM ARTE E EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://gruponupae.blogspot.com.br/p/nupae.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. **À flor da (terceira) idade:** crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira (inglês). 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/diserta_online/Helvio_Oliveira.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

OPIPARI, Carmen; TIMBERT, Sylvie. Transversalidades – cartografia imaginada na mangueira. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In:* _____; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

_____; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

_____; _____; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PENNA, Maura. **Música (s) e seu ensino.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RITORNELLO. Disponível em: <<http://immusicstation.blogspot.com.br/2011/06/sinais-de-repeticao.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SANTOS, Paula Perin dos. **A arte da regência e a postura do maestro.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/musica/a-arte-da-regencia-e-a-postura-do-maestro/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo:** uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução de Marisa T. Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011a.

_____. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa T. de O. Fonterrada, Magda R. G. da Silva e Maria Lúcia Pascoal. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011b.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas e afetividades para uma poética da educação. Tradução de Adair Sobral *et al.* Salvador: EDUFBA, 2014.

SOUZA, Jusamara (Org.). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Prefácio. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

TORREGROSA, Apolline. Da arte e da narração à sensível Textura de nós. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.

VELLOSO, Cristal A. **Sopro novo Yamaha**: aprendendo a ler música. São Paulo: Irmãos Vitale, 2011.

VILLA-LOBOS, Heitor. **Guia prático para a educação artística e musical**. 1 v. Caderno: texto e pesquisa por Manoel Aranha Corrêa do Lago e Sérgio Barboza; editoração eletrônica de partituras por Sérgio Barboza e Maria Clara Barbosa; coordenação editorial por Valéria Peixoto. Rio de Janeiro: ABM / FUNARTE, 2009.

WILLEMS, Edgar. A transversalidade (1964). *In*: _____. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

_____. **El oído musical**: la preparación auditiva del niño. 5. imp. Barcelona: Paidós Educador, 2011.

_____. **El valor humano de la educación musical**. 5. imp. Barcelona: Paidós Educador, 2015.

YAMAHA MUSICAL DO BRASIL. **Programa sopro novo**: musicalização através da flauta doce. Disponível em:

<https://br.yamaha.com/pt/education/flutes/about_program/program/>. Acesso em: 15 mar. 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música e Educação Musical (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MÚSICA; EDUCAÇÃO MUSICAL TOTAL: 22 REGISTROS ENCONTRADOS	FORMAÇÃO DE MÚSICOS NO BACHARELADO EM MÚSICA POPULAR: UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	JEAN CARLOS PRESSER DOS SANTOS	JUSAMARA VIEIRA SOUZA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2013	MÚSICA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=375168
	TOCAR/JOGAR ROCKSMITH: AS EXPERIÊNCIAS DE FLOW DE JOVENS GUITARRISTAS QUE JOGAM GAMES DE MÚSICA	ALLAN CESAR PFUTZENREUTER DA SILVA	LIANE HENTSCHE	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2013	MÚSICA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=98261
	PROCESSO CRIATIVO MUSICAL: O MODALISMO COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA LINGUAGEM MUSICAL	REJANE DE MELO E CUNHA E SILVA	ELIANE LEÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	2015	MÚSICA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3425047

	INTERAÇÕES ENTRE O PIANISTA COLABORADOR E O CANTOR ERUDITO: HABILIDADES, COMPETÊNCIAS E ASPECTOS PSICOLÓGICOS	LUCIANA MITTELSTEDT LEAL DE SOUSA	BEATRIZ DUARTE PEREIRA DE MAGALHÃES CASTRO	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	2014	MÚSICA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1352848
	A RELAÇÃO DO SURDO COM A MÚSICA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	VIVIAN LEICHSENRING	REGINA FINCK SCHAMBECK	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	2014	MÚSICA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=222527
	COMPOSIÇÃO MUSICAL COM IDOSOS: REARRANJANDO A FELICIDADE	TATIANE ANDRESSA DA CUNHA FUGIMOTO	VIVIANE BEINEKE	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	2015	MÚSICA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2375772

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice B – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música e Terceira Idade (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MÚSICA; TERCEIRA IDADE TOTAL: 4 REGISTROS ENCONTRADOS	UM ESTUDO SOBRE MÚSICA E QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE, COM BASE EM PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	SONIA ANDRÉ CAVA DE OLIVEIRA	CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE	2013	EDUCAÇÃO AMBIENTAL	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=122507
	A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E OS SENTIDOS DO ENVELHECER: A EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE	ANTONIO DE PÁDUA BITENCOURT SILVA	FRANCISCO DE OLIVEIRA BARROS JUNIOR	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=91817
	APROPRIAÇÕES DE SENTIDOS DE UM GRUPO CULTURAL DE CANTIGAS DE RODA	ADRIANA DIAS GOMIDE ARAUJO	OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	2014	EDUCAÇÃO	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1321785
	ATIVIDADES MUSICAIS E LÚDICAS – UMA PROPOSTA DE PROMOÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR PARA IDOSOS ATIVOS	ERICA APARECIDA DOS SANTOS	JUREMA RIBEIRO LUIZ GONÇALVES	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO	2013	ATENÇÃO À SAÚDE	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=86707

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice C – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música, Memória e Terceira Idade (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MÚSICA; MEMÓRIA; TERCEIRA IDADE TOTAL: 1 REGISTRO ENCONTRADO	PROJETO PERFORMANCIÃ: PERFORMANCES DO ENVELHECIMENTO	MARCELO AZEVEDO ASTH	TÂNIA ALICE CAPLAIN FEIX	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	2015	ARTES CÊNICAS	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/consulta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2448217

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice D – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música, Experiência e Terceira Idade (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MÚSICA; EXPERIÊNCIA; TERCEIRA IDADE TOTAL: 2 REGISTROS ENCONTRADOS	UM ESTUDO SOBRE MÚSICA E QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE, COM BASE EM PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	SONIA ANDRÉ CAVA DE OLIVEIRA	CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE	2013	EDUCAÇÃO AMBIENTAL	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=122507
	A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E OS SENTIDOS DO ENVELHECER: A EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE	ANTONIO DE PÁDUA BITENCOURT SILVA	FRANCISCO DE OLIVEIRA BARROS JUNIOR	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=91817

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice E – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Música, Sensibilidade e Terceira Idade (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MÚSICA; SENSIBILIDADE; TERCEIRA IDADE TOTAL: 0 REGISTRO ENCONTRADO	NENHUM RESULTADO ENCONTRADO						

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice F – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Musicalização e Terceira Idade (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MUSICALIZAÇÃO; TERCEIRA IDADE TOTAL: 0 REGISTRO ENCONTRADO	NENHUM RESULTADO ENCONTRADO						

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice G – Resultados encontrados na ferramenta de busca da Plataforma Sucupira – Capes exatamente sobre o tema da pesquisa envolvendo Musicalização, Memória, Experiência, Sensibilidade e Terceira Idade (2013 a 2016)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ANO	CLASSIFICAÇÃO	LINK
MÚSICALIZAÇÃO; MEMÓRIA; EXPERIÊNCIA; SENSIBILIDADE; TERCEIRA IDADE TOTAL: 0 REGISTRO ENCONTRADO	NENHUM RESULTADO ENCONTRADO						

Fonte: CAPES (2017)

Apêndice H – FOLHA DE ROSTO PARA A PESQUISA COM SERES HUMANOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA MUSICALIZAÇÃO: AÇÃO MEDIADORA E SENSIBILIDADE NA TERCEIRA IDADE			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática: <i>Não se aplica</i>			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: HILDA NATUME			
6. CPF: 643.534.009-91	7. Endereço (Rua, n.º): RUA DA SALINA, 385 Salina Casa 22 BALNEARIO BARRA DO SUL SANTA CATARINA 89247000		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (47) 8813-3004	10. Outro Telefone: <i>047 34481276</i>	11. Email: hildanatume@hotmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>07</u> / <u>06</u> / <u>16</u>		 _____ Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Pós-Graduação da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE	13. CNPJ: <i>84.714.682/001-94</i>	14. Unidade/Órgão: <i>Mestrado em Educação</i>	
15. Telefone: (47) 3461-9235	16. Outro Telefone: <i>(47) 3461-9077</i>		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <i>Profª Dra Márcia de Souza Hobold</i>	CPF: <u>651 389 539 -15</u>		
Cargo/Função: <i>Coordenadora ME</i>	 _____ Assinatura		
Data: <u>07</u> / <u>06</u> / <u>16</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.		Profª. Dra. Márcia de Souza Hobold Coordenadora do Curso de Mestrado em Educação - UNIVILLE	

Apêndice I – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____, RG _____, autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa, **“Práticas educativas em musicalização: ação mediadora e sensibilidade na terceira idade”** sob responsabilidade da mestrandia HILDA NATUME e orientação da professora Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO, com coorientação da professora Dra. JANE MERY RICHTER VOIGT, cujo objetivo é **analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.**

Assinatura: _____

Joinville, _____ de _____ de 20____.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Adriana Domingos Schneider,
RG 4647916, autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa “PRÁTICAS EDUCATIVAS NA MUSICALIZAÇÃO: AÇÃO MEDIADORA E SENSIBILIDADE NA TERCEIRA IDADE” sob responsabilidade da mestranda HILDA NATUME e orientação da Professora Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO, com Co-Orientação da Professora Dra. JANE MERY RICHTER VOIGT, **cujo objetivo é** “analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”.

Joinville, 03 de Julho de 2016.

Assinatura: Adriana Schneider

Apêndice J – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestrandia, HILDA NATUME vinculada à linha de pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é **analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano**. Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico e atividades desenvolvidas junto aos idosos.

Importante ressaltar que você terá total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido(a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.

Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.

Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado(a). De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa (dados dos grupos focais, observação de aulas, anotações, gravações, fotografias, filmagens, produções musicais) ficarão sob a responsabilidade do pesquisador por um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.

Lembramos ainda que, a sua participação será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peço a sua anuência.

Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa Prof^a Dr^a Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala A 227B. Bem como, a pesquisadora, pelo telefone (47) 98813-3004. Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG _____, declaro ter sido suficientemente informado(a) e concordo em autorizar a participação voluntária na pesquisa descrita acima.

Joinville, ____ de _____ de 20____.

Hilda Natume
Pesquisadora Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário (a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestrandia, **HILDA NATUME**, vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é Investigar as memórias dos idosos, os sentidos e significados a partir de experiências com artes visuais na terceira idade, relacionando-as ao presente.

Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico e atividades desenvolvidas junto às crianças.

Importante ressaltar que você terá total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido (a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.

Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.

Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado (a). De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa (dados dos grupos focais, observação de aulas, anotações, gravações, fotografias, filmagens, produções musicais) ficarão sob a responsabilidade do pesquisador por um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.

Lembramos ainda que, a sua participação será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peça a sua anuência.

Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa Prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A sala A 227B. Bem como, o pesquisador, pelo telefone (47) 99012615. Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, Adriziana Schneider, RG 4647916, coordenador do **CRAS** (Centro de Referência de Assistência Social) declaro ter sido suficientemente informado (a) e concordo em participar na pesquisa descrita acima.

Joinville, 03 de Junho de 2016.



Assinatura do Coordenador



Pesquisador Responsável

Apêndice K – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestrand, HILDA NATUME vinculada à linha de pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é **analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano**. Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico e atividades desenvolvidas junto aos idosos.

Importante ressaltar que você terá total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido(a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.

Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.

Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado(a). De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa (dados dos grupos focais, observação de aulas, anotações, gravações, fotografias, filmagens, produções musicais) ficarão sob a responsabilidade do pesquisador por um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.

Lembramos ainda que, a sua participação será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peço a sua anuência.

Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa Prof^a Dr^a Sílvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala A 227B. Bem como, a pesquisadora, pelo telefone (47) 98813-3004. Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG _____, coordenador do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) declaro ter sido suficientemente informado(a) e concordo em participar na pesquisa descrita acima.

Joinville, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do(a) Coordenador(a)
Instituição

Hilda Natume
Pesquisadora Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário (a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestrandia, **HILDA NATUME**, vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é Investigar as memórias dos idosos, os sentidos e significados a partir de experiências com artes visuais na terceira idade, relacionando-as ao presente.

Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico e atividades desenvolvidas junto às crianças.

Importante ressaltar que você terá total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido (a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.

Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.

Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado (a). De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa (dados dos grupos focais, observação de aulas, anotações, gravações, fotografias, filmagens, produções musicais) ficarão sob a responsabilidade do pesquisador por um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.

Lembramos ainda que, a sua participação será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peça a sua anuência.

Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa Prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A sala A 227B. Bem como, o pesquisador, pelo telefone (47) 99012615. Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, Adriana Schneider, RG 4647916, coordenador do **CRAS** (Centro de Referência de Assistência Social) declaro ter sido suficientemente informado (a) e concordo em participar na pesquisa descrita acima.

Joinville, 03 de Junho de 2016.



Assinatura do Coordenador



Hilda Natume

Pesquisador Responsável

Joinville, ____ de _____ de 2016

Apêndice L – CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que o CRAS (CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL) está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada **“Práticas educativas em musicalização: ação mediadora e sensibilidade na terceira idade”** cujo objetivo é **“analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”**.

Adriana Schneider
Coordenadora do CRAS

Endereço: Rua Crater, s/n, Jardim Paraíso, Joinville/Santa Catarina

Telefone: (47) 3427-2980

E-mail: crasjparaiso@gmail.com

Joinville, 06 de junho de 2016

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que o Conservatório Belas Artes de Joinville está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada: “PRÁTICAS EDUCATIVAS NA MUSICALIZAÇÃO: AÇÃO MEDIADORA E SENSIBILIDADE NA TERCEIRA IDADE”, cujo objetivo é: “analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”.



Coordenadora

Mirtes Antunes LocatelliStrapazzon

Endereço – Rua Aubé, n. 427, Saguazu –Joinville – Santa Catarina

Telefone– (47) 3026-1816

E-mail – mirtes@belasartesjoinville.com.br

Joinville, 03 de junho de 2016

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que o CRAS (CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL) está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada: “PRÁTICAS EDUCATIVAS NA MUSICALIZAÇÃO: AÇÃO MEDIADORA E SENSIBILIDADE NA TERCEIRA IDADE”, cujo objetivo é: “analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”.



Coordenadora
Adriana Schneider

Endereço – Rua Crater s/n – Jardim Paraíso – Joinville – Santa Catarina

Telefone – (47) 3427-2980

E-mail – crasjparaiso@gmail.com

Apêndice M – DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu _____, RG _____, coordenadora do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), localizada na rua Crater, s/n Jardim Paraíso, Joinville – SC, declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada **“Práticas educativas em musicalização: ação mediadora e sensibilidade na terceira idade”**, cujo objetivo é **“analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”**.

A pesquisadora é a mestrandia Hilda Natume, a qual estará sob a orientação da Prof. Dr. Silvia Sell Duarte Pillotto da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

Declaro que realizarei a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que cumprirei o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuirei com a pesquisa mencionada, sempre que necessário, fornecendo informações.

Também fui informado que, de forma alguma, haverá identificação dos idosos, bem como da instituição, sendo garantido o sigilo e assegurado a privacidade em relação aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. De igual modo, sei que é possível, em qualquer fase dessa pesquisa, retirar esse consentimento, e que não receberei nenhum pagamento ou ressarcimento pela pesquisa.

Concordo que os resultados desta investigação possam ser apresentados por escrito ou, oralmente, em congressos e periódicos da área da educação, desde que preservada a identidade dos alunos, professores e o nome das instituições envolvidas.

Coloco-me a disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

Adriana Schneider
Coordenadora do CRAS

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu Adriana Schneider, RG 4647916, coordenadora do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), localizada na Rua Crater, s/n, Jardim Paraíso, Joinville – SC, declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada: “**Práticas Educativas em Musicalização: Ação Mediadora e Sensibilidade na Terceira Idade**”, da mestranda em educação **Hilda Natume**, a qual estará sob a orientação da Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, cujo objetivo é: “analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”.

Declaro que realizarei a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que cumprirei o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuirei com a pesquisa mencionada, sempre que necessário, fornecendo informações. Também fui informado que, de forma alguma, haverá identificação dos idosos, bem como da instituição, sendo garantido o sigilo e assegurado a privacidade em relação aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. De igual modo, sei que é possível, em qualquer fase dessa pesquisa, retirar esse consentimento, e que não receberei nenhum pagamento ou ressarcimento pela pesquisa.

Concordo que os resultados desta investigação possam ser apresentados por escrito ou, oralmente, em congressos e periódicos da área da educação, desde que preservada a identidade dos alunos, professores e o nome das instituições envolvidas.

Coloco-me a disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,



Adriana Schneider

Coordenadora

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

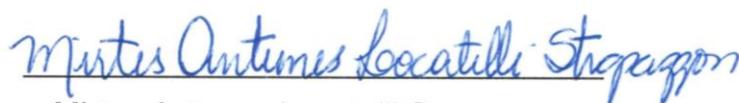
Eu MIRTES ANTUNES LOCATELLI STRAPAZZON, RG 4218620 SSPSC, coordenadora do Conservatório Belas Artes de Joinville, localizada na Rua Aubé, n. 427, Saguapu, Joinville – SC, declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada: **“Práticas Educativas em Musicalização: Ação Mediadora e Sensibilidade na Terceira Idade”**, da mestranda em educação **Hilda Natume**, a qual estará sob a orientação da Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, cujo objetivo é: “analisar as práticas educativas em musicalização na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano”.

Declaro que realizarei a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que cumprirei o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuirei com a pesquisa mencionada, sempre que necessário, fornecendo informações. Também fui informado que, de forma alguma, haverá identificação dos idosos, bem como da instituição, sendo garantido o sigilo e assegurado a privacidade em relação aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. De igual modo, sei que é possível, em qualquer fase dessa pesquisa, retirar esse consentimento, e que não receberei nenhum pagamento ou ressarcimento pela pesquisa.

Concordo que os resultados desta investigação possam ser apresentados por escrito ou, oralmente, em congressos e periódicos da área da educação, desde que preservada a identidade dos alunos, professores e o nome das instituições envolvidas.

Coloco-me a disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,



Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Coordenadora

AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: HILDA NATUME

RG: 3.715.566-7

Título da Dissertação: **“MUSICALIZAÇÃO: MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES NA TERCEIRA IDADE”**

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 10/05/2018.



Hilda Natume
Autora